

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

Dissertação de Mestrado

“Era uma vez” nos canais do *Youtube*, quer que eu te conte outra vez? Uma análise de canais de contação de histórias à luz do Interacionismo Sociodiscursivo

Michele de Britto Jacobs



**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E**  
**CRIATIVIDADE - IHCEC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO**

**MICHELE DE BRITTO JACOBS**

**“Era uma vez” nos canais do *Youtube*, quer que eu te conte outra vez? Uma análise de canais de contação de histórias à luz do Interacionismo Sociodiscursivo**

**PASSO FUNDO**

**2023**

**MICHELE DE BRITTO JACOBS**

**“Era uma vez” nos canais do *Youtube*, quer que eu te conte outra vez? Uma análise de canais de contação de histórias à luz do Interacionismo Sociodiscursivo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras (defesa).

Linha de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor

Orientadora: Professora Dra. Luciane Sturm

**PASSO FUNDO**

**2023**

CIP – Catalogação na Publicação

---

J17e Jacobs, Michele de Britto  
“Era uma vez” nos canais do Youtube, quer que eu te conte outra vez? Uma análise de canais de contação de histórias à luz do Interacionismo Sociodiscursivo / Michele de Britto Jacobs. – 2023.  
5.497 kB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sturm.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Contação de histórias. 2. Interacionismo Sociodiscursivo. 3. Capacidades de linguagem. I. Sturm, Luciane, orientadora. II. Título.

CDU: 028.6

---

Catalogação: Bibliotecário Luís Diego Dias de S. da Silva – CRB 10/2241

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação**

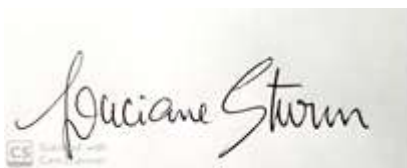
**“Era uma vez” nos canais do Youtube, quer que eu te conte outra vez? Uma análise de canais de  
contação de histórias à luz do Interacionismo Sociodiscursivo”**

Elaborada por

**Michele de Britto Jacobs.**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências,  
Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de  
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 29 de março de 2023.  
Pela Comissão Examinadora



Prof.ª Dr.ª Luciane Sturm  
Presidente da Banca Examinadora



Prof.ª Dr.ª Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Universidade de Passo Fundo



Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon  
Universidade de Passo Fundo



Prof.ª Dr.ª Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pois sei que ele me trouxe até aqui, em todos os momentos esteve ao meu lado, me guardando nos momentos mais difíceis e se alegrando com as minhas vitórias. A ti Senhor, toda a minha gratidão e homenagem.

Para minha amada filha, Maria Valentina, que, apesar de muito pequena, teve a compreensão de entender as minhas limitações e ausências. Obrigada pela paciência minha filha, ser sua mãe é o que há de mais importante e mais belo neste mundo para mim. Todo o meu imenso amor por você, para sempre.

Ao meu amado esposo Jefternan, pela compreensão, carinho e ternura em todos os momentos desta minha caminhada.

A minha mãe Vanda, que muitas vezes cuidou de mim, da minha filha, da minha casa, deixando a sua vida em segundo plano.

A minha irmã Elisângela, a minha mestre, exemplo de força e coragem, meu porto seguro.

A minha orientadora, Professora Doutora Luciane Sturm, que acreditou no meu projeto, me acolheu, me conduziu em todos os momentos desta jornada. Por ser uma excelente professora, dedicada e atenciosa. Por exigir sempre o melhor de mim e me orientar na construção deste projeto. A você toda a minha admiração, respeito e gratidão.

Aos meus colegas e amigos de curso Marcos e Elizá, onde juntos construímos muito mais que artigos, seminários e apresentações, mas uma amizade que levarei por toda vida.

Às professoras Doutoras Luciane Spanhol Bordignon e Claudia Stumpf Toldo, pela leitura dedicada, sugestões e orientações na banca de qualificação, essas que foram fundamentais para minha reflexão neste estudo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, por todo o conhecimento compartilhado.

Ao meu filho de quatro patas, Carlos Eduardo, um lindo cãozinho que esteve ao meu lado em todos os momentos da minha formação, da graduação às especializações, e agora ao mestrado, sempre com o seu olhar atento à tela do computador, dia e noite, durante anos a fio, meu companheiro inseparável, meu pequeno grande amor.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a quem me deu a vida, me criou com muito sacrifício, cuidou de mim, me incentivou em todos os momentos, me mostrou caminhos, me desviou de perigos e esteve sempre há ao meu lado.

A minha primeira contadora de histórias, minha princesa dos contos de fadas, minha mãe.

## RESUMO

Diante dos desafios enfrentados por todos os indivíduos durante a pandemia, o mundo todo presenciou um grande aumento na utilização das tecnologias em diferentes setores da vida dos seres humanos. E não foi diferente na educação. A partir dessa constatação, surgiu a motivação para este estudo: pesquisar sobre a contação de histórias (CHs) para crianças, em ambiente digital (YouTube), e suas contadoras, afim de responder o seguinte questionamento: Os canais de contação de histórias para crianças, disponíveis no YouTube, contribuem para o desenvolvimento infantil em fase de alfabetização/letramento, mais especificamente, das capacidades de linguagem, e, por consequência, promovem a formação de leitores? Diante da importância da CHs para o desenvolvimento infantil, a preocupação inicial era encontrar evidências de que os canais de CHs para crianças incentivam a formação de novos leitores. Dessa forma, no âmbito da Linguística Aplicada, considerando-se o paradigma qualitativo de investigação e observando o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), esta pesquisa teve como objetivo geral investigar três canais do YouTube especificamente voltados à CHs em língua portuguesa, a fim de verificar se esses canais contribuem para o desenvolvimento das capacidades de linguagem (CL) de crianças entre 6 a 8 anos, em especial. Caracterizada como uma pesquisa de natureza básica, descritiva e documental, o estudo analisou, primeiramente, a performance das três contadoras de história, comparando os perfis de cada uma entre si, à luz dos estudos de Pinto (2007) e Souza (2015), juntamente com Abramovich (1989, 1985, 2005), Sisto (2020) e Busatto (2021). A segunda parte do estudo analisou o potencial dos episódios de CHs para o desenvolvimento das CL das crianças, considerando-se, portanto, os preceitos do ISD, com base, principalmente, nos trabalhos de Bronckart (1993, 2006, 2008), Dolz, Pasquier e Bronckart (1993), Schneuwly e Dolz (2004), Cristovão e Stutz (2011), Magalhães e Cristóvão (2018). Os resultados apontam que os canais do YouTube analisados têm grande potencial para contribuir com o desenvolvimento das crianças, sobretudo em aspectos da cognição, da oralidade e das capacidades de linguagem, em geral. Com isso, considerando-se o perfil positivo e adequado das contadoras de história, a CHs on-line mostra-se como uma ferramenta importante que pode contribuir para a formação de jovens leitores. Assim, há evidências de que essa ferramenta pode ser utilizada pela escola, bem como pela própria família, para a motivação à leitura, o que levará ao desenvolvimento das CL. Além disso, o estudo aponta para a necessidade de qualificação daqueles que desejam atuar como contadores de histórias, dada a importância da atividade para o desenvolvimento infantil.



Palavras-chave: Contação de histórias. Interacionismo Sociodiscursivo. Capacidades de linguagem.

## RESUMEN

Frente a los desafíos enfrentados todas las personas durante la pandemia, el mundo entero ha visto un gran aumento en el uso de tecnologías en diferentes sectores de la vida humana. Y no fue diferente en la educación. A partir de este hallazgo, surgió la motivación para este estudio: la investigación sobre narración de cuentos (HC) para niños, en un entorno digital (YouTube) y sus contadoras. Dada la importancia de los HC para el desarrollo infantil, la preocupación inicial fue encontrar evidencia de que los canales de HC para niños fomentan la formación de nuevos lectores. Así, en el ámbito de la Lingüística Aplicada, considerando el paradigma cualitativo de la investigación y observando el referencial teórico del Interaccionismo Sociodiscursivo (ISD), esta investigación tuvo como objetivo general investigar tres canales de YouTube específicamente enfocados en HC en portugués, con el fin de verificar si estos canales contribuyen para el desarrollo de habilidades lingüísticas (CL) de niños entre 6 y 8 años, en particular. Caracterizado como una investigación básica, descriptiva y documental, el estudio analizó primero el desempeño de las tres narradoras, comparando los perfiles de cada una, a la luz de los estudios de Pinto (2007) y Souza (2015), junto con Abramovich (1989, 1985, 2005), Sisto (2020) y Busatto (2021). La segunda parte del estudio analizó la potencia de los episodios de HC para el desarrollo de CL en niños, considerando, por lo tanto, los preceptos del ISD, con licencia, principalmente, en las obras de Bronckart (1993, 2006, 2008), Dolz, Pasquier y Bronckart (1993), Schneuwly y Dolz (2004), Cristovão y Stutz (2011), Magallanes y Cristovão (2018). Los resultados indican que los canales de YouTube analizados tienen una gran olla para contribuir al desarrollo de los niños, especialmente en aspectos de cognición, oralidad y habilidades lingüísticas en general. Por lo tanto, considerando el perfil positivo y adecuado de las narradoras, los HC en línea son una herramienta importante que puede contribuir a la formación de lectores jóvenes. Por lo tanto, hay evidencia de que esta herramienta puede ser utilizada por la escuela, así como por la propia familia, para la motivación a leer, lo que conducirá al desarrollo de la CL. Además, el estudio apunta a la necesidad de calificar a quienes deseen actuar como narradores, dada la importancia de la actividad para el desarrollo infantil.

Palabras clave: Narración de historias. Interaccionismo sociodiscursivo. Conocimientos lingüísticos.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gêneros literários que englobam as histórias infantis e suas funções.....	39
Quadro 2: Fundamentos das capacidades de linguagem.....	44-45
Quadro 3: Características de contador de histórias.....	48
Quadro 4: Síntese dos canais selecionados.....	55
Quadro 5: Histórias analisadas do canal Varal de história.....	57
Quadro 6: A contadora de histórias Juçara Batichoti.....	57-58
Quadro 7: Histórias analisadas do canal Fafá conta.....	60-61
Quadro 8: A contadora de histórias Flávia Scherner.....	61
Quadro 9: Histórias analisadas do canal Carol Levy histórias para dormir.....	65
Quadro 10: A contadora de histórias Carol Levy.....	65
Quadro 11: Diferenças entre CHs presenciais e online.....	70

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 LINGUAGEM, LEITURA E HISTÓRIAS INFANTIS: PRESSUPOSTOS IMPORTANTES PARA ESTA PESQUISA.....</b>	<b>13</b>
2.1 Linguagem, interação e leitura .....	13
2.2 A narrativa oral e a leitura de mundo.....	15
2.3 O ato de ler.....	16
2.4 A origem das histórias infantis e a contação de histórias.....	20
2.5 A importância da contação de histórias no desenvolvimento infantil.....	24
2.6 A contação de histórias na escola.....	26
2.7 A contação de histórias na web: canais de contação de histórias nas escolas durante a pandemia da COVID 19 COVID .....	28
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>31</b>
3.1 O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).....	31
3.2 Os gêneros de texto no contexto do ISD.....	34
3.2.1 Os gêneros literários que constituem o grande grupo de histórias para crianças.....	37
3.3 As capacidades de linguagem.....	41
3.4 Discutindo o perfil do contador de histórias infantis.....	45
<b>4 O ESTUDO: INVESTIGANDO OS CANAIS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....</b>	<b>50</b>
4.1 Natureza, caracterização, metodologia e procedimentos.....	50
4.2 Os canais de contação de histórias e as categorias de análises.....	50
4.3 As contadoras de histórias.....	56

4.3.1 A contadora do canal Varal de histórias.....	56
4.3.2 A contadora do canal Fafá conta.....	60
4.3.3 A contadora do canal Carol Levy histórias para dormir.....	65
4.3.4 Os canais de CHs contribuem para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças fomentando a formação de jovens leitores?.....	69
4.4 Implicações pedagógicas.....	78
4.5 As limitações da investigação e perspectivas de estudos futuros.....	81
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias”. Eduardo Galeano (2016)

Em nossas múltiplas vivências, desde a mais tenra idade, ouvimos diversas histórias, as quais são, primeiramente, contadas por nossos familiares, e, no decorrer de nossa caminhada, por muitos outros indivíduos. Essas histórias nos constituem, fazem parte da nossa identidade, do nosso ser, da nossa história individual, cada qual marcada à sua maneira. Algumas delas são inesquecíveis, outras, nem tanto, mas são guardadas em nossas memórias por meio de uma frase inconfundível, que nos faz viajar pela imaginação: **Era uma vez...**

Essas contações de histórias, tradicionalmente, ocorriam presencialmente, ou seja, em um ambiente em que se reuniam crianças, jovens ou adultos e um contador de histórias, que, comumente, era alguém da família. Já no ambiente escolar, o professor é o contador de histórias, principalmente no contexto da educação de crianças, quando muitos recursos são utilizados para encantar os novos aprendizes, tais como fantasias, fantoches, instrumentos musicais e, mais recentemente, as tecnologias digitais. Ao longo dos tempos, e com o avanço tecnológico e o surgimento das redes sociais e mídias digitais, é possível observar que esses espaços também vêm sendo ocupados por contadores de histórias, por meio de perfis em redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*, e de plataformas, como o *Youtube* e o *Spotify*, entre tantos outros.

Meu interesse e meus estudos sobre a contação de histórias no universo infantil têm origem ainda durante a graduação em Pedagogia. Como pedagoga, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Atendimento Educacional Especializado (AEE), Alfabetização e Letramento e Docência no Ensino Superior, entendo a leitura como capacidade fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, pois é a partir dela que as demais capacidades e habilidades do ser humano se desenvolvem. Nesse universo, cabe destacar a concepção de língua/linguagem a partir da qual este trabalho foi desenvolvido. A presente pesquisa alinha-se teoricamente à concepção bakhtiniana (BAKHTIN, 2003) de língua/linguagem, segundo a qual a interação humana ocorre mediante a produção de enunciados concretos entre sujeitos. Para o autor, a língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada em um tempo e em um lugar, ou seja, é uma atividade social. Nesse percurso, compreendemos que a leitura é,

portanto, o alicerce para todos os demais conhecimentos, constituindo-se como uma porta para o mundo das possibilidades e do desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

É por meio da leitura que a criança dá início a uma caminhada de descobertas no que refere à cognição, ao desenvolvimento de linguagem oral, de expressão e de autoconhecimento. Então, é comum as pessoas – leigas ou não – perguntarem como é possível aproximar a criança da leitura e desenvolver o gosto por essa atividade tão importante no desenvolvimento do ser humano. É certo que há muitos caminhos para promover essa aproximação, e a contação de histórias é uma das possibilidades que trazem ótimos resultados, tanto observando as pesquisas na área quanto as experiências narradas por famílias e outros grupos sociais. Assim, um dos pressupostos deste estudo é o de que a contação de histórias na infância é uma das portas para que leitores eficientes sejam formados.

O contato com diferentes gêneros textuais orais – literários ou não – na infância, a exemplo da contação de histórias, é uma experiência que aproxima a criança da leitura e instiga a vontade de aprender a ler. Além disso, essa atividade estimula a imaginação, a curiosidade e as emoções, contribuindo sobremaneira, portanto, com a formação de novos leitores.

Em decorrência da pandemia Covid 19 e em decorrência das mudanças sociais em isso ocasionou em nível global, também os educadores infantis precisaram reinventar a si mesmos, buscar alternativas e aproximar-se mais rapidamente das tecnologias, buscando novas estratégias para conectarem-se literalmente às crianças. Da mesma forma, os pais e os cuidadores que ficaram em casa com as crianças, em um novo mundo de isolamento, encontraram na tecnologia um apoio para a complexa tarefa de educar e de entreter as crianças.

Nesse cenário, a internet, aliada a tantas outras ferramentas tecnológicas, foi o caminho trilhado até mesmo por aqueles que não acreditavam em sua efetividade como ferramenta pedagógica. As mais diversas plataformas digitais – o que inclui o *Youtube* –, tornaram-se, no período de necessário isolamento, instrumentos indispensáveis aos fins lúdicos, de lazer e pedagógicos.

O real valor e as contribuições desse fenômeno, no entanto, ainda não apresentam avaliações e/ou resultados definitivos. Por isso, pesquisas interdisciplinares que envolvam a área das linguagens em diferentes contextos e indivíduos são fundamentais para uma compreensão mais profunda dos possíveis desdobramentos relacionados ao uso das tecnologias digitais com fins pedagógicos, no período de

pandemia e de pós-pandemia. Nesse cenário, importante lembrar que muitas práticas e hábitos desenvolvidos na pandemia – positivos ou não – não foram abandonados. Entre tantos fatos e polêmicas e em meio a tantos questionamentos está a certeza de que as pesquisas que envolvem as linguagens, o ensino e o desenvolvimento infantil são cada vez mais necessários.

Diante desse contexto e considerando a importância da contação de histórias para crianças em idade escolar, investigar essa contação no ambiente digital – como fomentadora na formação de leitores infantis – é o objetivo deste estudo.

Reforçando a premissa de que a contação de histórias se caracteriza como um gênero textual imprescindível para o desenvolvimento infantil e para formação de jovens leitores, este trabalho dedica-se a investigar/analisar três canais do *Youtube* voltados à contação de histórias em língua portuguesa para crianças entre 6 e 8 anos de idade. Para alcançar o objetivo geral, a investigação tem como finalidade verificar a contribuição desses canais para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

É notória a contribuição da tecnologia para o desenvolvimento geral de todas as áreas do conhecimento e da vida em sociedade. Não é diferente na educação. Contudo, questionamentos surgem sobre a adequação, a pertinência, a qualidade e a recorrência do uso das ferramentas tecnológicas e, até mesmo, sobre a possibilidade de os professores serem substituídos pela tecnologia.

Diante do exposto até aqui, considerando a importância de se formar leitores na infância e pensando na variedade de ferramentas pedagógicas disponíveis aos professores é que este trabalho nasceu. Foi a partir de algumas inquietações e considerando a necessidade de delimitar a extensão dessa investigação é que o estudo buscou responder à seguinte pergunta: os canais de contação de histórias para crianças disponíveis no *Youtube* contribuem para o desenvolvimento infantil em fase de alfabetização/letramento, mais especificamente para o desenvolvimento das capacidades de linguagem, e, por consequência, promovem a formação de novos leitores?

O estudo também busca examinar e evidenciar a existência de subsídios teóricos que perpassam a contação de histórias nos canais selecionados, ou seja, analisando os canais escolhidos, esta investigação dedicou-se a contrastar o que os estudiosos dizem sobre a metodologia da contação de histórias e o que os contadores de histórias propõem em seus canais. Além disso, analisou a abordagem/metodologia utilizada pelos



contadores, comparando os canais entre si, evidenciando as potencialidades e as fragilidades de cada um, com base na teoria estudada.

O aspecto inédito deste estudo é evidenciado considerando que não foram encontradas outras pesquisas nessa mesma perspectiva. Embora alguns estudos se voltem à investigação em torno da contação de histórias ou de contadores de histórias, não foram encontrados estudos que tenham sido realizados à luz do ISD.

O *corpus* de análise para esta pesquisa originou-se da seleção de três canais públicos disponíveis no *Youtube*, todos voltados à contação de histórias em língua portuguesa, para crianças entre 6 e 8 anos. Os canais analisados foram: Varal de Histórias, Fafá Conta e Carol Levy/Histórias para Dormir. A escolha do *corpus* de análise deu-se por estarem em uma plataforma democrática de acesso a vídeos de modo universal. Além disso, foram critérios de seleção: o número de seguidores, o perfil do/da contador/a, a faixa etária alvo, a produção geral do vídeo (cenário, vozes, fantasias, iluminação), o tempo de duração médio de cada contação e os comentários dos seguidores do canal, com quantidade de *likes* em cada episódio.

Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, tendo sido desenvolvido, principalmente, dentro dos construtos da Linguística Aplicada em diálogo com a Educação<sup>1</sup>.

Diante dessa discussão, esta investigação enquadra-se no paradigma qualitativo segundo o qual as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam (PRODANOV; FREITAS, 2013). Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica; e quanto aos objetivos é uma pesquisa descritiva. O procedimento técnico utilizado é a pesquisa bibliográfica e documental (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Cabe registrar que o desenvolvimento desta pesquisa foi altamente relevante para minha formação como pedagoga, por ter adentrado em uma área que veio complementar a minha formação acadêmica como educadora e pesquisadora.

Diante do exposto, após esta Introdução, que constitui o Capítulo 1, o trabalho está organizado em mais três capítulos. O Capítulo 2, intitulado Linguagem, Leitura e Histórias Infantis, discute pressupostos que foram importantes para organizar e contextualizar a pesquisa, remetendo às origens e à evolução das histórias infantis e da

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa está vinculada ao projeto de pesquisa Gêneros em práticas sociais voltadas ao letramento, coordenado pela Dra. Luciane Sturm.

contação de histórias conectada ao desenvolvimento da linguagem das crianças e a formação de jovens leitores.

O Capítulo 3, por sua vez, evidencia o referencial teórico que dá sustentação à pesquisa. Nessa seção, primeiramente, o Interacionismo Sociodiscursivo é destacado como a principal teoria que serve para as análises dos canais selecionados, além de serem discutidos o conceito de gênero textual e as capacidades de linguagem, com base em seus principais autores: Bronckart (1993, 2006, 2008); Dolz, Pasquier e Bronckart (1993); Schneuwly e Dolz (2004); Cristovão e Stutz (2011); Magalhães e Cristóvão (2018); Pinto (2007) e Souza (2015). Nesse capítulo, também é discutido o perfil daqueles que contam histórias e sua constituição como um bom contador de histórias, com base nos estudos de Abramovich (1989, 1985, 2005), Medeiros (2019), Sisto (2020) e Busatto (2021), principalmente.

O Capítulo 4, com o título de O Estudo: Investigando os canais de contação de histórias, está dividido em três seções, a saber: Natureza, caracterização, metodologia e procedimentos; Descrição dos canais de contação de histórias; Os critérios de análise e as análises. Finalizando o trabalho estão as Considerações Finais, apresentadas como Capítulo 5, e as Referências bibliográficas.

## **2. LINGUAGEM, LEITURA E HISTÓRIAS INFANTIS: PRESSUPOSTOS IMPORTANTES PARA ESTA PESQUISA**

Este capítulo inicia com uma discussão sobre a concepção de linguagem na qual nos apoiamos para desenvolver este estudo. Além disso, buscamos estabelecer relações entre o desenvolvimento da linguagem e da leitura, para o desenvolvimento cognitivo e social na infância. A partir disso, argumentamos em favor da contação de histórias como atividade fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura e formação de jovens leitores, aspectos que, também, justificam a realização desta investigação.

Na sequência, apresentamos as histórias infantis (HIs), desde sua criação, e discorreremos sobre alguns autores de relevância nesse segmento da literatura, apresentando-os juntamente com suas trajetórias literárias. Traçamos, para isso, uma linha do tempo que contribui para a compreensão desse processo histórico. Da mesma forma, analisamos as HIs em um contexto de leitura realizada por gestantes aos seus bebês, ainda em seu ventre, e voltamos nossa atenção a questões que vão além da leitura feita pela mãe, contemplando as demais pessoas que se fazem próximas aos futuros leitores, aquelas que, em ambientes diversos, apresentam os livros e a literatura para as crianças, em fase de desenvolvimento para a leitura.

Seguindo com a pesquisa, demonstramos a evolução histórica das contações de histórias tradicionais, historicamente feitas de forma oral, diante de um público presencial, e que atualmente se encontram presentes nas plataformas digitais do *Youtube*. Posteriormente, desenvolvemos um tópico relativo ao perfil dos contadores de histórias e ao modo como essa profissão se constitui, e, por fim, apresentamos os gêneros de textos desenvolvidos nas contações de histórias e nas histórias infantis.

### **2.1 Linguagem, interação e leitura**

[...] “os textos, as ‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos, na cor das folhagens [...]”  
(FREIRE, 1989, p. 10)

Esta seção discute as relações entre importantes pressupostos teóricos – linguagem, interação e leitura – que apoiam este estudo.

A compreensão da linguagem para o ser humano e seu desenvolvimento relaciona-se com a forma como compreendemos a interação, o aprendizado e nosso desenvolvimento. Diante disso, este estudo se apoia na perspectiva bakhtiniana de linguagem. Para Bakhtin (1992), a divergência de ideias, de pensamentos em relação aos textos, tem sempre uma natureza de coletividade social. O conhecimento é adquirido por meio do diálogo, o qual se desenvolve por meio do conflito de ideias e de formas de pensar. Assim, a linguagem, segundo Bakhtin (1992), é constitutiva, isso é, o sujeito constrói o seu pensamento a partir do pensamento do outro, de modo que se tem, portanto, uma linguagem dialógica. A vida é dialógica por natureza. Viver é estar em pleno diálogo com o outro, em seus diferentes atos de ouvir, questionar, responder, etc. Nesse diálogo e interação, o homem participa com todo o seu ser biológico e intelectual: com a boca, as mãos, o corpo, a alma e diferentes formas de se expressar (BAKHTIN, 1992, p. 112). Para o autor, a interação humana ocorre mediante a produção de enunciados concretos entre sujeitos.

Nesse contexto, pressupomos que a linguagem no ser humano começa a se desenvolver no momento de seu nascimento. E com o desenvolvimento da linguagem vem a capacidade de leitura de mundo. Da leitura de mundo à leitura da palavra, o ser humano tem na interação a chave para seu desenvolvimento, sendo que a qualidade da interação tem muita relação com a leitura que o indivíduo é capaz de fazer.

À medida que se desenvolve, o ser humano passa da leitura de mundo à leitura da palavra, para a qual a primeira é fundamental. Ambas passam a se desenvolver juntas. Assim, para o progresso intelectual e/ou cognitivo e social dos indivíduos, dentre inúmeros aspectos, o aprendizado e o desenvolvimento da leitura é consenso entre as diferentes áreas do conhecimento.

Em vista disso, constata-se que a leitura pode e deve ser uma atividade imprescindível na formação do ser como um todo, e mais, no desenvolvimento das inúmeras capacidades que o indivíduo pode adquirir, tais como pensar, dialogar, criar, construir conhecimentos e promover uma nova visão de vida e de ser humano.

## 2.2 A narrativa oral e a leitura de mundo

Ao se olhar para a história da humanidade, vê-se que, ao começar a falar, o ser humano também começou a narrar histórias. Portanto, essa capacidade é característica do ser humano. Ao narrar ou contar uma história, o ser humano se expressa, comunica e interage com outros indivíduos.

Desde muito cedo, interagindo com adultos e com outras crianças de mais idade, a criança ouve histórias. É assim que ela inicia seu desenvolvimento cognitivo e social, pelo contato e pela interação com outros indivíduos e com o meio. Essa interação faz com que a criança aprenda a fazer a leitura de seu mundo. Nessa direção, Freire (1989, p. 09) pontua que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, a criança inicia o processo de aprender a ler muito antes de ir para a escola, pois desenvolver a capacidade de leitura de mundo se dá pela interação em diferentes momentos e espaços sócio-históricos.

É importante ressaltar que o ato de ler não se resume apenas a decifrar códigos ou signos. Nesse mundo referenciado por Freire a criança, por meio do contexto daquilo que vive, lê, aprecia, aprende e apreende o mundo. Mesmo não dominando as letras, o indivíduo, desde muito cedo, desenvolve a sua percepção do mundo a partir das diferentes leituras que consegue fazer.

Muito antes de aprender a ler e a escrever, a criança lê e interpreta o mundo, em seus inúmeros contextos históricos e culturais. Ela descobre a natureza, suas cores, seus cheiros, sua beleza, fazendo assim a leitura geográfica de muitos ambientes, sem precisar, necessariamente, fazer a leitura dos livros.

Nessa perspectiva, as narrativas familiares ganham importância, pois a criança cresce e se desenvolve desvendando histórias contadas pelos seus avós, pais, irmãos ou outros familiares. É dessa forma que a criança se desenvolve culturalmente, pois vai construindo novos mundos antes mesmo de saber ler. Por isso, essa primeira leitura, a do mundo, é considerada de essencial importância na concepção como ser sociocultural. No tocante à leitura do mundo, Sisto (2020, p. 31) argumenta:

No exercício de juntar pedaços para construir o conhecimento do mundo, vamos também decifrando o mundo, lendo o mundo. Ler é dialogar? - É. Ler é duvidar?-É. Ler é entender o significado das coisas e, por isso, entender o

outro? -É! Ler é se transformar por meio do sentido que a palavra produz? -É[...].

Com a incorporação de toda essa significação do universo e com o passar da infância, a criança é inserida no ambiente escolar. Dessa maneira, um novo contexto abre-se para ela, dando-lhe acesso ao mundo das letras, das imagens dos livros, da contação de histórias encantadas. Fundir essa nova experiência, oferecida neste novo ambiente, com a bagagem de leitura de mundo que a criança traz consigo fará nascer um novo e amplo campo de conhecimento, o qual expandirá aprendizagens e fará emergir nesse sujeito o ato da leitura.

Para que essa prática de leitura seja contemplada de forma efetiva na criança, é necessário que a bagagem de leitura do mundo que ela traz também seja considerada, pois somente dessa forma a leitura será uma prática agradável, de organização de pensamentos, construção de novos conhecimentos e despertar de novas curiosidades.

Relacionando tais aspectos ao contexto escolar, fica evidente que cabe aos educadores conhecer, de forma satisfatória, o mundo da criança e como se dá seu desenvolvimento, pois assim será possível entender o que lhe fascina, intriga e envolve. O papel do educador é fundamental para que a criança consiga criar as conexões necessárias de seu contexto sociocultural com outros mundos que a escola pode oferecer: a leitura da palavra escrita.

### **2.3 O ato de ler**

A leitura da palavra escrita aliada à leitura de mundo proporciona muitas respostas a questionamentos sobre diferentes situações. Quando lê, a criança recebe uma opinião sobre o tema lido que pode confirmar ou se contrapor àquilo que ela já sabe ou que imaginava saber. A leitura pode, além disso, trazer uma informação totalmente nova, ainda desconhecida pela criança. Por isso, a leitura estimula a cognição e o desenvolvimento social desde a infância. Quanto mais a criança ler, mais ela amplia sua visão de mundo e estimula seu senso questionador e crítico sobre variados assuntos. Na visão de Sisto (2020, p. 32):

[...] ler é também ir além da capa e do título. É ler as imagens, dentro e fora dos livros. Descobrir outra dimensão da palavra. Ler jornal, porque informa; ler quadrinhos, porque diverte; ler poesia, porque aponta o sentido do belo; ler placas, sinais, bulas de remédios, porque nos orientam; ler o filme, porque é bom mesmo e tem movimento, e tem cor e tem humor e romantismo e lugares desconhecidos e gente tão diferente; ler o livro porque, além de tudo, pode-se voltar quando se quer e ler de novo, e sublinhar aquela frase marcante, e discutir com os amigos, e carregar para todo o lugar, e ficar pensando, aumentando, transferindo, criando junto.

O ato de ler na infância traz descobertas e desenvolve a cognição, promovendo o desenvolvimento da individualidade e da identidade da criança; contribui com a capacidade de ter senso crítico, aprimorando os sentimentos e a imaginação. É possível afirmar que a leitura é uma necessidade para o ser se constituir como humano.

É a partir da leitura que a criança conhece novos mundos e diferentes realidades, as quais pode ou não estar acostumada a vivenciar. A linguagem do leitor, de forma geral, expande-se de forma rápida e, em consequência, impacta na forma como se expressa oralmente. Além disso, a criança aprimora, repensa seus valores, sentimentos e ideias, uma vez que toda esta bagagem cresce com ela.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Também é relevante para este estudo saber que a capacidade de ler está intimamente vinculada ao desenvolvimento da oralidade e do senso crítico, as quais são fundamentais para a vida social dos indivíduos.

Nesse universo, muitos questionamentos surgem tanto na família quanto no contexto escolar: como apresentar a leitura à criança? Como introduzir a leitura e, principalmente, como desenvolver/promover o gosto pela leitura?

Esses questionamentos, de certa forma, também, motivaram esta pesquisa, pois entendemos que a contação de histórias para crianças é uma atividade que está extremamente vinculada à motivação, ao interesse da criança pela leitura. Portanto, investigar a contação de histórias no meio digital, apoiada ou mediada pela tecnologia, é relevante em um contexto em que muitas vezes a família não dispõe de habilidades e/ou tempo para realizar a contação para sua criança. Além disso, esse formato de contação

de histórias também pode tornar-se um aliado do professor, como forma de variar suas atividades. Diante disso, portanto, a investigação sobre a qualidade e a pertinência do uso de canais de contação de histórias para crianças justifica-se quando relacionada à discussão trazida neste capítulo.

Argumentamos que, para ser inserida no mundo da leitura, a atividade de ouvir histórias pode ser uma porta ou uma ponte, desde o ambiente familiar até um ambiente educativo ou social. As histórias permitem o sonhar, sorrir, pensar, repensar, chorar e, a partir de tantos sentimentos e emoções, entender o quão especial e importante é o momento da leitura.

Para Abramovich (2005, p. 17), é necessário “ler histórias para crianças sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever do autor [...]”. É dessa forma que as crianças conhecerão os livros, as imagens, as vozes com as diferentes entonações dos personagens e que irão introduzi-las no mundo da leitura e por ela poderão apropriar-se de inúmeras aprendizagens sociais e cognitivas para as histórias de suas vidas.

Quando todo esse mundo de fantasia se envolver com o mundo real da criança, quando aquela história ou aquele conto remeter a esses pequenos leitores, as mais variadas situações de seus cotidianos serão quando o livro irá desempenhar sua função em suas vivências. Ao ouvir as histórias – ainda que muito antes de poder decifrar as letras – as crianças transformam suas inquietações em respostas, que esclarecem, de uma ou outra forma, dúvidas que possuem, e isso amplia a sua leitura de mundo. Algumas dessas curiosidades advêm, muitas vezes, do contexto social em qual estão inseridas, pois carregam consigo dúvidas diversas sobre os vários aspectos da vida, como situações de perdas, separações, violências, novas adaptações, dentre outras.

As novas descobertas advindas da leitura irão, portanto, constituir indivíduos que poderão se incluir com mais efetividade em suas sociedades, visto que a leitura consegue construir sujeitos com pensamentos amplos e ideias abrangentes, as quais tendem a trazer novos olhares para todo um contexto social.

As histórias contribuem para que a criança entre em contato com diversos modos de ver e sentir o mundo.

Segundo Cademartori (2010, p. 36):



É através da história que a dimensão simbólica da linguagem é experimentada em conjunção com o imaginário e o real. Ao se identificar com a personagem ou com os contos de fadas a criança passa a querer ouvi-lo várias vezes por se identificar com a personagem ou com algo semelhante ao que vive naquele momento, sendo este o motivo para se trabalhar histórias que abordam temas do cotidiano como morte, laços familiares desfeitos e outros conflitos que falam de desenvolvimento.

Diante de tais relações, cabe destacar o papel da literatura e suas diversas finalidades. A literatura trabalha em função do autoconhecimento dos indivíduos que estão em processo de construção de identidade e em busca de seu lugar em uma sociedade que ainda procura entender.

Ao entrar em contato com os textos literários, os jovens leitores terão maiores chances de desenvolver o seu autoconhecimento de forma progressiva e, quanto mais a literatura for ofertada, maior serão as chances de se estabelecer correlações entre as leituras feitas e os contextos no quais estão inseridos. É por meio desse contexto de conexão entre literatura e autoconhecimento que se desenvolve na criança o gosto pelas histórias, pelo ato de ler, o que a faz entender situações similares que possa ter vivenciado ou que ainda venha a vivenciar.

Muito mais do que arte, a literatura é capacitadora do desenvolvimento dos indivíduos. É instrumento que permite, a qualquer um, alfabetizado ou não, fazer pensar, repensar, sonhar, desenvolver olhares de criticidade e expô-los. A cada história contada – e ouvida – constrói-se um leitor, que amplia seu caminho e percorre novas vivências.

A partir da leitura literária, feita de forma orientada, pode-se estabelecer relações com os textos lidos, ou seja, a criança não irá apenas decifrar códigos ou signos, mas sim criar uma relação de cumplicidade com o texto, o que fará com que aquilo que foi lido tenha sentido para ela.

Segundo o pensamento de Bakhtin (1981), a leitura somente institui-se na relação interlocutiva que pressupõe o dialogismo, ou seja, ela fará sentido somente quando o leitor estabelecer uma correlação entre o texto e o autor. Mesmo em se tratando de leitores iniciantes, esses precisam pensar, repensar e refletir sobre o que

leram. Do contrário, essa leitura não se constituirá como tal, fechar-se-á em si mesma, sem trazer uma contra palavra.

É, portanto, por meio da literatura lida ou ouvida pelos pequenos, futuros leitores, que tanto o ato de ler quanto o ato de escrever irão se desenvolver mediante um incentivo literário. Portanto, este estudo considera que sem a literatura nenhum desses eventos seria possível.

Contemplando o aspecto de significação, é importante salientar o quanto é necessário priorizar a formação de leitores literários por meio da literatura, esta tida como primordial ferramenta de aquisição de conhecimentos na primeira infância. Contudo, a literatura não pode ser usada apenas como instrumento para o aprendizado da fonética e codificação de palavras. A literatura infantil no contexto escolar deve ter como propósito a formação de leitores críticos, de seres que pensam e entendem o mundo ao seu redor. Portanto, cabe aos seus mediadores priorizar o entendimento e o envolvimento com o texto lido, para, posteriormente, usá-lo como ponte para outros conhecimentos. E tudo isso começa com a narrativa oral, a contação de histórias.

Fica evidente, portanto, que o desenvolvimento da linguagem da criança como ser social, em um contexto histórico e cultural, possui relações de dependência com o aprendizado e o desenvolvimento da leitura. Além disso, a motivação, o gosto pela leitura e a formação do leitor na infância têm relação direta com a contação de histórias e, por isso, a importância da literatura infantil nesse contexto.

Para Abramovich (1997, p. 16), “ouvir muitas histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. Essa compreensão à qual a autora se refere irá cada vez mais se expandir, e a partir de tantas descobertas, diante das histórias lidas, a criança tem mais chances de ter sucesso em seu processo de letramento.

#### **2.4 A origem das histórias infantis e a contação de histórias**

Esta seção objetiva discorrer sobre a origem e a evolução das HIs e da contação de histórias (CHs), a fim de contextualizar este estudo, com base em estudiosos como Coelho (2003), Bastos (2015) e Basso (2018). Este histórico evidencia a presença das HIs e da CHs na história da humanidade e na cultura dos diferentes povos.

Muito antes de se tornarem histórias encantadas, que fazem o universo infantil se desenvolver como algo mágico e encantador, os contos escritos para as crianças foram herdados dos homens primitivos que buscavam explicações realistas para o mundo.

Estudiosos, a exemplo de Coelho (2003) e Basso (2018), destacam que a necessidade de contar histórias se efetivou quando o homem primitivo procurava explicações mais realistas para o mundo que o rodeava. Mitos e crenças misturavam-se e, a partir disso, as histórias eram passadas oralmente entre as diferentes culturas. Um exemplo era a crença de que os relâmpagos eram armas dos deuses e de que a água seria controlada por sereias, dentre de outras lendas criadas por sujeitos daquela época.

Bastos (2015) relata que, com o passar do tempo, todo esse cenário foi se modificando e os contos infantis foram sendo escritos. A autora destaca que, conforme registros históricos, o precursor foi Charles Perrault (1697), seguido dos Irmãos Grimm (1786) e, ainda, pelo contador de histórias e escritor Hans Christian Andersen (1805). Os contos desses autores foram repassados e modificados histórica e culturalmente até os dias atuais. São, hoje, histórias que encantam, que contam sonhos mágicos e universos encantadores, muito diferentes das suas gêneses.

Porém, as HIs não foram criadas por esses autores, elas foram, sim, reescritas, configurando sua origem como uma incógnita, como pontua Bastos (2015, p. 77):

[...] talvez tenha nascido pela necessidade que o homem tinha de falar de seu cotidiano, de suas aventuras e de fenômenos que ele não sabia explicar. Para fugir da dura realidade, ele inventa, ou quem sabe, mescla fatos reais e o que ocorreu em sua vida, e quem sabe, nesse momento, tenha nascido essa forma de contar. Quando tudo começou, ninguém tinha certeza, apesar dos muitos estudos voltados para a origem e ponto geográfico dos contos populares.

No século XIV, as pessoas contavam esses contos para poder aliviar um pouco o dia a dia cruel da vida que viviam, aliviar suas dores e poder então sonhar com uma vida melhor, viam nas histórias que contavam uma maneira de fugir de uma realidade tão dolorosa.

Foi a partir disso que os contos passaram a ser contados pela alta realeza dos séculos XVI, XVII e XVIII, tornando-se, assim, um novo gênero literário. Para Bastos (2015, p. 67), “um dos primeiros autores a escrever esses contos foi um acadêmico Charles Perrault (1628-1703), amigo de rei, burguês, advogado, funcionário público de grande prestígio”.

Perrault foi muito criticado pelos seus colegas de academia – por ele considerados como escritores antigos –, no entanto, ele denominava a si mesmo como um escritor moderno e tinha como objetivo divertir e orientar as crianças por meio da sua literatura (BASTOS, 2015).

Basso (2018), apoiada em Cademartori (1994), também destaca que os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, com base nas histórias orais. A pesquisadora pontua que

[...] foram obras de fundo satírico, concebidas por intelectuais que lutam contra a opressão para estigmatizar e condenar usos, costumes e personagens que oprimiam o povo. Os autores, para não serem atingidos pela força do despotismo, foram obrigados a esconder suas intenções sob um manto fantasioso (BASSO, 2018, p.1).

Coelho (2000, p. 90), ao tratar da questão, apresenta mais detalhes:

Vulgarmente, tais estórias circulam na França (e daí para os demais países) como contos de fadas, rótulo que os franceses usam até hoje para indicar contos maravilhosos em geral. Nessa coletânea, a metade não apresenta fadas. São apenas contos maravilhosos, por existirem em um espaço maravilhoso, isto é, fora da realidade concreta. É o caso do Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, e O Pequeno Polegar.

Os estudos históricos relacionados a esse período apontam que, devido às críticas, Perrault, em 1697, não assumiu a autoria de uma coletânea de oito novos contos, atribuindo a seu filho a criação das obras. Tais contos ganharam o mundo com os seguintes títulos: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, Cinderela ou Gata Borralheira, Henrique o Topetudo e O Pequeno Polegar. Perrault foi e ainda é um dos grandes nomes da literatura, imortalizado em suas obras, que são reescritas até os dias de hoje, sendo remodeladas conforme o contexto e a cultura.

Após a propagação das obras de Charles Perrault, outros autores de grande importância apresentaram-se no universo da literatura infantil, os Irmãos Grimm (1786-1859), vindos de Hanau, cidade alemã. Segundo Bastos (2015, p. 71), “[...] um era a realidade e o outro era o sonho. Eles combinavam tão bem esses dois mundos que se completavam. Eram muitos amigos e juntos estudaram e trabalharam a vida inteira”.

Assim como Perrault, os Irmãos Grimm também reescreveram obras da literatura infantil, entretanto moldados conforme sua época, formados com valores socioculturais oriundos do contexto no qual viviam. As obras mais importantes da sua coletânea são: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, A Bela Adormecida, A gata Borralheira, Rapunzel, João e Maria, dentre outros.

Todas essas histórias trazem em seu bojo a narrativa de épocas, diálogos, momentos históricos narrados em diferentes períodos nos quais os autores as reescreveram e toda essa bagagem histórica é reforçada neste trecho:

[...] Assim, sempre que uma pessoa lê ou conta uma história de fadas; encena para o teatro um conto de fadas; narra uma história em disco, recria para o ballet passos baseados nos contos de fadas, estará abrindo um diálogo com o passado, estará dialogando com Perrault, Grimm, Andersen, portanto com tradições remotas que hoje distanciadas de seu contexto, continuam influenciando outros contextos. (BASTOS, 2015, p. 73).

Outro contador de histórias e escritor que não se pode deixar de citar é Hans Christian Andersen (1805-1875). Diferentemente de Perrault e dos Irmãos Grimm, Andersen era uma pessoa do povo, artista de circo, que teve sua vida marcada por muitas injustiças, assim como outras pessoas da sua classe social (BASTOS, 2015).

Ao contrário de Perrault e dos Irmãos Grimm, Andersen foi quem criou seus contos, produzidos conforme os ideais de sua época. O autor também fez adaptações utilizando obras de outros autores, contudo, enquanto trilhava os percursos entre as aldeias de sua pátria, criava seus contos e contava suas histórias. Seus contos mais divulgados são O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Rainha das Neves, O Rouxinol e o Imperador, O Soldadinho de Chumbo, A Pastora e o Limpador de Chaminés, A Pequena Vendedora de Fósforos, Pequetita, Os Cisnes Selvagens, A Roupas Nova do Imperador, O Companheiro de Viagem, O Homem da Neve e tantos outros que totalizam mais de 160 contos originais.

A partir desse contexto histórico, fica claro que as histórias, inicialmente orais, fazem parte da vida das pessoas e, portanto, da humanidade. Muitas dessas histórias espalharam-se pelo mundo e são contadas e escritas em diferentes versões, adaptadas às diferentes culturas. Elas fazem parte de vivências nas mais variadas etapas de vida, da mais tenra idade, atravessam toda a infância e chegam até a vida adulta, fazendo parte do mundo da imaginação dos indivíduos. Estudos sob perspectivas diferentes

comprovaram que as histórias contadas para crianças têm um papel importante no seu desenvolvimento, sendo esse o tema da próxima seção.

## **2.5 A importância da contação de histórias no desenvolvimento infantil**

As histórias fazem parte das nossas vidas desde muito cedo, como, por exemplo, quando a mãe lê para seu bebê que ainda está dentro do seu útero:

As primeiras relações de leitura em um processo de comunicação e de compartilhamento através da expressão e da percepção iniciam por meio das interações entre a mãe e seu bebê, ainda no ventre materno, em uma rede de significados e de afeto que ambos vivenciam. Essa comunicação se alicerça não mais no suporte do emissor e do receptor, mas do expressor, a mãe, que expressa sentimentos de afeto, de ternura, e do receptor, o filho, que percebe esses sentimentos na atitude da mãe em um momento de interação (ESTABEL, MORO, 2012, p. 56-57).

A leitura instituída ainda na tenra idade, faz com que após o nascimento ainda haja uma interação entre a mãe e o(a) filho(a) em diferentes situações, no som da voz materna ou nas cantigas para dormir entoadas pela mãe. Segundo os estudos de Estabel e Moro (2012, p. 57), “Esse compartilhamento de afetos prossegue através das histórias narradas, pelas pessoas que fazem parte do círculo de afeto das crianças: a mãe, o pai, o irmão ou irmã maior, o tio ou a tia, o avô ou a avó [...]”.

Após o nascimento, as mães e pais são, geralmente, os primeiros contadores de histórias que as crianças conhecem. São diferentes narrativas, de variados gêneros textuais, com personagens imaginários que trazem a fantasia, a magia e o encantamento ao imaginário infantil. Segundo Estabel e Moro (2005, p.3), “o papel da família nos primeiros contatos entre a criança e as narrativas são fundamentais. Pode-se dizer que estes são os primeiros mediadores de leitura”.

É, muitas vezes, na hora de dormir, que as famílias têm por hábito contar histórias, com diferentes temas, que passam valores e crenças de suas culturas familiares e sociais. São esses primeiros contadores de histórias que abrem as portas para o mundo da leitura, dos livros e da imaginação para uma nova geração, por isso a família desempenha um papel muito significativo no desenvolvimento do costume da leitura nas crianças.

É nesse ambiente de vivências familiares que acontece o primeiro contato da criança com o mundo da literatura:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter o caminho infinito de descobertas e de compreensão do mundo...o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens) livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais [...] (ABRAMOVICH, 2005, p. 16-17).

Algumas famílias buscam, por meio da literatura, propósitos culturais, de aquisição de informação e saberes para os seus filhos, porém usufruem dessa literatura ingenuamente, atrás de pequenos objetivos, por vezes comparados aos objetivos escolares. De qualquer forma, mesmo não tendo o discernimento necessário sobre as finalidades da literatura, a atuação da família sobre as crianças e a literatura é extremamente importante, pois é em razão dessa atuação que a criança pode criar o gosto e, conseqüentemente, o hábito pela leitura.

Em razão de não ter o olhar pedagógico de um educador, as escolhas literárias feitas pela família são aleatórias, já que não outro objetivo que não seja o de apresentar uma obra à criança e fazer com que ela a desfrute. As histórias são contadas para divertir, para fazer sorrir ou chorar, para alegrar, para pensar. Desse modo, envoltos em tantas emoções, leitores vão sendo criados.

Nesse contexto de emoções, diversas vezes está incorporado, também, o universo da imaginação, dos personagens das histórias que fazem as crianças vivenciarem todo esse complexo grupo de sentimentos, vivenciarem fartas experiências no decorrer de suas histórias. Assim,

[...] é ouvir histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar...pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH 1995, p. 17).

Fica exposto, que a CHs realizada em um primeiro momento pela família é importante, uma vez que desenvolve nos pequenos leitores conhecimentos de mundos,

imaginários ou não, de sentimentos e emoções que apenas um conto ou uma história estão aptos a causar.

Quando a criança é inserida em um ambiente de CHs, ela entrará em um universo de encantamento, de suspense e emoção, podendo, a partir desse momento mágico, dar asas a sua imaginação, dar vida aos personagens e sentir emoções que somente quem ouve uma história é capaz de sentir, mesmo em tenra idade.

Abramovich (2005, p. 37) afirma que “as histórias infantis chegam ao coração e à mente da criança na medida exata do seu entendimento, porque possuem elementos que fascinam, despertam o interesse e a curiosidade, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta”. Quando uma criança ouve uma história, ela pode se deparar com vários e distintos significados que fazem parte do seu universo, o bem e o mal, o bom e o ruim, o certo e o errado, o bonito e o feio, dentre tantos outros sinais e símbolos que rodeiam o mundo.

A CHs pode, ainda, impulsionar muitos outros conhecimentos. A partir do que Abramovich (2005, p. 23) afirma, percebemos que “ouvir histórias pode estimular o desenhar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”. É, portanto, por meio das histórias contadas que conhecimentos como o pensar, para então repensar, imaginar, dentre outros, se desenvolveram na sua amplitude.

Querer saber de todo o processo que acontece, do nascimento até a morte, faz parte da curiosidade natural da criança, pois se trata da vida em geral e da sua própria em particular...Saber sobre o seu corpo, sua sexualidade, seus problemas de crescimento, sua relação (fácil ou difícil) com os outros faz parte do se perguntar sobre si mesma e do precisar encontrar respostas...Querer discutir sobre relações familiares fáceis/difíceis/conflituosas/dispersivas/gregárias/simpáticas etc., e até a nova estruturação das famílias [...] (ABRAMOVICH, 2005, p. 96).

Portanto, é no ouvir histórias que as crianças vão significando o mundo ao seu redor, fazendo suas escolhas, socializando seus medos, vontades, sonhos, fantasias e angústias, reconhecendo seus mundos e trazendo sentido às suas emoções vividas nas narrativas ouvidas por estes mediadores que fizeram parte de suas vivências: mães, pais e familiares.

A seguir, novos atores entraram em cena: a escola com seus educadores. Estes abriram as portas de um mundo literário diferente daquele com o qual as crianças estavam acostumadas, tópico trabalhado a seguir.



## 2.6 A contação de histórias na escola

No ambiente escolar, a criança irá transitar por um universo literário extraordinário se comparado àquilo que estava acostumada a vivenciar em ambiente familiar. Na escola, são muitos os livros – de muitas cores, com muitas figuras e imagens, de diferentes temas – que serão expostos aos olhares atentos dos leitores em formação. É nesse momento em particular que a escola começa a trilhar o seu caminho, agregando outros saberes e dando continuidade ao que a família havia começado no que diz respeito à construção do mundo literário da criança. Logo:

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. É, nesse espaço que privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam significados, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente (COELHO, 2000, p. 15-16).

Da mesma forma que a literatura vai fazendo das crianças futuros leitores, ela também norteia caminhos para que essas crianças desenvolvam outros saberes. Como bem expõe Coelho (2000), os indivíduos, agora vivendo em grupos, concordam ou discordam das questões da vida cotidiana e, em consequência, vão descobrindo o seu eu em relação ao outro. Além disso, segundo a autora, a literatura tem a capacidade de fazer o mesmo, ou seja, é capaz de produzir diversos significados, acolher grupos para que vivam suas demandas, agitações, alegrias, frustrações e, além de todo esse processo, também trabalha para o desenvolvimento pessoal e cognitivo de cada aspecto particular, em tempo e circunstâncias necessárias.

Uma vez que será de responsabilidade dos professores mediar esses novos conhecimentos, é necessário que as práticas sejam realizadas de forma a provocar a atenção e a curiosidade das crianças para o ato de leitura e para o descobrimento da literatura. É no desenrolar das metodologias que muitas maneiras de se contar histórias são reveladas, como o uso artefatos como fantoches e dedoches, por exemplo, considerando sempre o posicionamento da(o) contadora(o) de histórias em questão.

Para que a criança consiga adquirir hábitos de leitura e levá-los consigo por toda a sua vida, a literatura deve se fazer presente desde muito cedo na sua infância. Por isso,

a escola precisa oferecer espaços adequados e aptos a despertar na criança o gosto pela leitura, seja oferecendo livros diversos e ambiente aconchegante, seja disponibilizando fantoches e brinquedos que possam ser usados na contação de histórias (ABRAMOVICH, 1989).

Cabe destacar que, nos momentos de contação de histórias, cada etapa do aprendizado infantil e de seu progresso deve ser respeitada. Para tanto, o mediador, o contador da história, deve escolher o gênero textual e a história que atenda à criança e que contribuam para ampliar sua percepção de mundo para que, então, o processo seja significativo e para que haja contribuições em sua evolução, tanto emocional quanto cognitiva.

Além disso, é importante que o(a) educador(a) permita que a criança tenha um ambiente de leitura livre, para que ela possa fazer suas escolhas, manusear os livros, descobrir figuras e imagens e, assim, construir a autonomia das suas alternativas de critérios e juízos, pois, muitas vezes, as curiosidades infantis são de diversas ordens.

No mundo contemporâneo, o universo do acesso ao conhecimento – e, portanto, a contação de história – também foi afetado pela tecnologia. São inúmeras ferramentas tecnológicas que estão disponíveis para as famílias, para a escola e para as crianças. Especificamente relacionados à contação, surgiram os canais de CHs, disponíveis na *web*, que são o tema da próxima seção.

## **2.7 A contação de histórias na *web*: canais de contação de histórias nas escolas durante a pandemia da COVID 19**

É indiscutível que, atualmente, grande parte das crianças chegam à escola já inseridas na cultura digitalizada. Isso se deu em razão de a tecnologia fazer parte do seu dia a dia de forma natural. A maioria das crianças e adolescentes, de forma muito precoce, dominam o uso das ferramentas multimídias, tais como celulares, tablets e computadores. Isso acontece muito antes de conhecerem as letras do alfabeto, o que, conseqüentemente, os insere no mundo digital, já que exercitam cotidianamente algumas práticas sociais nas quais estão imersos.

Por conta desse fenômeno, as crianças conseguem acessar os jogos e os aplicativos de sua preferência. É por meio dos símbolos que estão disponíveis no ambiente digital que as crianças vão adquirindo certa autonomia nas suas escolhas e,

por meio delas, realizam aprendizagens diversas, tanto para o seu conhecimento quanto para o seu entretenimento.

Em razão das novas perspectivas que fazem parte da geração contemporânea, as CHs também evoluíram. A contadora de história que até então conhecíamos, desenvolvendo a atividade presencialmente, nas escolas ou em eventos como a feira do livro, agora está presente, também, nas plataformas digitais, como o *Youtube*. São inúmeros os canais disponíveis com o propósito de entreter, de motivar à leitura e, também, de lucrar. As plataformas digitais estão presentes em qualquer tempo ou lugar, possibilitando que a família e/ou as crianças possam acessá-las de forma fácil e corriqueira. Essa prática foi, inclusive, bastante recorrente durante o período de isolamento provocado pela pandemia da Covid 19.

Santos, Santos e Dourado (2020) realizaram um estudo que teve como objetivo levantar dados sobre o acesso à leitura e à CHs, exploradas na mediação tecnológica, devido ao isolamento social na época da pandemia, a fim de dialogar com o imaginário das crianças.

A pesquisa na área da educação envolveu a análise de canais digitais mais acessados na plataforma *Youtube*, com a finalidade de contar HIs. Os autores selecionaram seis canais com o objetivo de compreender como as narrativas da Literatura infantil são exploradas na mediação tecnológica como recurso para educação infantil durante o distanciamento social devido à pandemia do Coronavírus, para dialogar com o imaginário das crianças. A pesquisa em questão foi feita em etapas. A primeira delas foi composta por estudos documentais, como a análise do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), da Base Comum Curricular (BNCC), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 96/98 (LDB) e do Referencial Nacional Curricular da Educação Infantil (RCNEI), juntamente com levantamentos de dados das plataformas tais como o Google Acadêmico e o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Em uma etapa posterior, foram realizados o levantamento e o mapeamento dos possíveis canais digitais que mais se destacam na plataforma *Youtube* com o propósito de CHs. Fizeram parte do estudo os canais: Carol Levy, Fafá Conta Histórias, Núbia Paiva, O baú da Camilinha, Um canto que conta e Varal de Histórias.

Para a análise final, foi feita uma tabela comparativa dos canais digitais da plataforma *Youtube*, na qual foram relacionados o nome dos canais, o número de inscritos, o tempo de criação, as características e os tipos de textos.

Os resultados dessa pesquisa mostraram que as técnicas usadas para as narrativas orais são semelhantes, porém usadas na individualidade de cada contador(a), que os tempos de duração são distintos e que suas metodologias e técnicas de apresentação nunca se igualam. O grupo constatou que os contadores de histórias que utilizam a plataforma *Youtube* apresentam uma linguagem clara e possuem um grande público devido ao número de inscritos nos canais, destacando que:

As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras do cotidiano, assim fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos, tornando-se, também o primeiro contato com a leitura, sendo importantíssimo para a criação de novos saberes e desenvolvimentos, como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem e neste momento de pandemia uma aliada que contribui com educadores, pais, outros sujeitos e o público infantil para explorar a partir do recurso disponível nas plataformas digitais (SANTOS; SANTOS; DOURADO, 2020, p. 127).

Os autores ainda discorrem que “[...] A arte de contar histórias é uma representação de criação de espaços de encantamento a partir da mediação da tecnologia”. Para eles, essa nova maneira de contemplar as contações de histórias trouxe benefícios para a educação, devido às práticas utilizadas por meio dos recursos tecnológicos, e para o ato de contar histórias (SANTOS; SANTOS; DOURADO, 2020).

Apesar de este estudo indicar aspectos positivos para a CHs no formato digital, as pesquisas sobre esse modelo, as potencialidades e reflexões nas atividades das crianças, são incipientes. Não foram encontrados muitos outros estudos que tenham investigado os canais on-line sob diferentes perspectivas. Esse fato, também contribui para instigar o desenvolvimento desta pesquisa.

Após essa contextualização sobre a CHs, pesquisas e suas relações com o mundo da infância, o Capítulo 3 apresenta o Interacionismo Sociodiscursivo como a teoria que dá suporte às análises deste estudo.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está dividido em três seções. Inicialmente, trazemos o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), corrente teórica integrada às dimensões sociais, discursivas e comunicativas das atividades de linguagem. Além disso, com a intenção de melhor conhecer os gêneros textuais, analisamos os gêneros de texto no contexto do ISD. Para isso, recorremos a interações de linguagem ocorridas nas vivências dos indivíduos.

Seguindo com a pesquisa, abordamos os gêneros literários que constituem o grande grupo de histórias para crianças, discutindo, mais especificamente, os gêneros literários que são considerados histórias para crianças, compostos por variados gêneros, tais como: contos de fadas, fábulas, lendas, mitos, poesias, entre outros. Posteriormente, desenvolvemos um tópico referente às capacidades de linguagem (CL), estudo aliado à linha de pesquisa do ISD, vista como habilidades adquiridas pelos sujeitos no momento de socialização promovida por interações de linguagem.

#### 3.1 O Interacionismo Sociodiscursivo

O Interacionismo Sociodiscursivo é a principal teoria utilizada neste estudo e, por isso, ganha destaque neste capítulo. Seus estudos emergiram de um consagrado grupo de pesquisadores da Universidade de Genebra, na Suíça. O grupo coordenado por Jean-Paul Bronckart dedica-se a um amplo programa de pesquisa que tem como base os estudos de Vygotsky, na área do desenvolvimento, e de Bakhtin e Volochínov, na área da linguagem, dentre outros estudiosos clássicos.

Conforme Camargo, Canato e Stutz (2018, p. 107), “Os estudos de algumas pesquisas do grupo foram publicados por Bronckart, na França em 1997, e no Brasil em 1999, denominado: Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo”. Mais tarde, foram publicados outros estudos de grande relevância, dentre os quais a obra *Gêneros orais e escritos na escola*, de autoria de Schneuwly e Dolz (2004), com tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro.

Esses estudos se debruçam sobre problemáticas e princípios a partir do agir e do desenvolvimento humano, juntamente com o processo de socialização, permeado pelos fatores da linguagem.

Nos anos 2002, apoiada principalmente nos estudos de Bronckart (1999, 2006, 2008) e Schneuwly e Dolz (2004), a Escola Brasileira do ISD (MAGALHÃES; CRISTÓVÃO, 2018) desenvolveu-se e ganhou notoriedade em âmbito nacional e internacional.

Os autores dessa corrente apontam que o grande diferencial que constitui o ISD é seu quadro teórico, que, além de aspectos linguísticos, abrange aspectos históricos, psicológicos, cognitivos, culturais e sociais, tal como proposto por Bronckart (1999, 2006). Caracterizado como a ciência do humano (BRONCKART, 1999; NASCIMENTO; GONÇALVES, 2018; MAGALHÃES; CRISTÓVÃO, 2018), o ISD alinha-se ao interacionismo social vygotskyano, que atrela a formação e o desenvolvimento humano às condições sociais e históricas em que vive o indivíduo. Para Bronckart (2006, p. 122), o interacionismo social é uma corrente que visa validar, no plano científico, uma concepção do estatuto do ser humano.

Magalhães e Cristóvão (2018, p. 23) pontuam que:

O ISD é uma corrente que converge com o interacionismo social. Nesta vertente, o desenvolvimento humano ocorre numa perspectiva dialética e histórica, fato que enfatiza a formação e o desenvolvimento do ser humano imbricado ao processo de socialização. Baseia-se no materialismo histórico-dialético, como em Vygotsky, por exemplo, para explicar o desenvolvimento humano, considerando que este está relacionado às condições sociais e históricas nas quais vivemos [...].

Nessa perspectiva, as pesquisadoras destacam, também, que os conceitos de medição, instrumento e apropriação do interacionismo social são fundamentais para se compreender os gêneros textuais, “bem como a importância da inserção dos seres humanos em atividades sociais” (MAGALHÃES; CRISTÓVÃO, 2018, p. 23).

Quanto às pesquisas apoiadas no ISD, além de apresentarem o caráter filosófico-científico, também envolvem os problemas concretos da vida humana, fato que traz destaque a essa vertente teórico-prática. Nascimento e Gonçalves (2018, p. 24) refletem que

[...] a perspectiva teórico-metodológica do ISD vai além dos limites das questões referentes à didática das línguas. Seus fundamentos mais amplos se voltam para a compreensão das condições do desenvolvimento epistemológico e praxiológico dos seres humanos em sua relação com a linguagem, e nesse sentido assume um cunho transdisciplinar [...].

Ao aprofundar os estudos sobre o ISD, Pinto (2007) destacou cinco princípios que enaltecem a corrente bronckartiana. No primeiro, o autor destaca as atividades humanas que admitem a ideia de que a razão dos estudos das ciências humanas e sociais está voltada a todas as ações e desenvolvimentos das atividades humanas. O autor considera que “o interacionista assume ser, ao mesmo tempo, o sociólogo, o psicólogo, o linguista, o antropólogo, o educador, etc” (PINTO, 2007, p. 112).

Como segundo princípio, o autor traz o desenvolvimento e o funcionamento das condutas humanas frente à linguagem, explicando que todos os conhecimentos humanos pré-construídos podem ser reelaborados e desenvolvidos para que novos conhecimentos sejam adquiridos (PINTO, 2007).

O agir humano é o terceiro princípio:

[...] todo o desenvolvimento humano se efetiva no “agir” humano, e não em elucubrações produzidas por uma atividade meramente cerebral, restritas a um espírito ou a uma alma. Além disso, esse agir implica um posicionamento de ordem epistemológica e política, ou seja, os conhecimentos científicos do humano devem ser construídos diretamente em trabalhos de “intervenção” social e, por isso, devem ser direcionados para uma intervenção positiva tanto dos grupos sociais, quanto de cada um de seus membros (PINTO, 2007, p. 112).

A formação de si e a formação com o outro constituem o quarto princípio. O autor afirma que existem duas vertentes indissociáveis e complementares, sendo elas: a formação individual e o processo de socialização entre os pares (PINTO, 2007). E como quinto e último princípio, Pinto (2007) traz o próprio conceito de linguagem, como agente principal no desenvolvimento humano. Para o ISD, a linguagem não é vista apenas como um sistema de signos ou códigos, mas como uma atividade em seu sentido social e discursivo.

Os estudos de Bronckart (2006) destacam que dentro das ações humanas – ou seja, na interação que há entre os seres humanos –, a linguagem é a forma pela qual essa interação acontece. Todas as expressões que se pode pronunciar vêm da linguagem; é por ela que expressamos nossas emoções e nossos conhecimentos. Dizendo de outro modo, a linguagem pode ser vista como o produto inicial de toda a interação do agir humano, pois ela

[...] não é (somente) meio de expressão de processos que seriam estritamente psicológicos (percepção, cognição, sentimentos, emoções) [...] é na realidade,

o instrumento fundador e organizador desses processos, em suas dimensões especificamente humanas (BRONCKART, 2006, p. 122).

Bronckart (1999, p. 42) pontua que a tese central do ISD “é que a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem”.

Magalhães e Cristóvão (2018) explicam que quanto aos estudos para a análise das ações, textos e discursos, esses “devem ser investigados sob o ponto de vista do agir coletivo” (p. 25), pois são específicos do ser humano. Para as autoras, as atividades de linguagem são equivalentes ao que Bakhtin definiu como discurso. Destacam, ainda, que “Bronckart particulariza uma ação de linguagem, que é produzida por um agente ou autor” (p. 25) e, portanto, essas atividades “podem ser analisadas sob o ponto de vista psicológico e sociológico, além da materialidade da realização linguística” (p. 25).

O ISD considera que o texto, entendido como unidade comunicativa, é a materialização de uma ação de linguagem. Mais ainda, preconiza que toda a ação de linguagem resulta em um texto que está atrelado a um gênero textual, conceito que será discutido na próxima seção, dada sua importância para esta investigação.

Por tudo isso, pela forte conexão com os professores e com a escola, bem como pela ampla difusão e notoriedade que o ISD conquistou no contexto brasileiro nos últimos anos, está se constituindo como uma teoria fundamental para dar suporte a este estudo.

### **3.2 Os gêneros de texto no contexto do ISD**

O gênero oral contação de histórias infantis é central neste estudo, pois conecta-se com os interesses, as motivações e os pressupostos desta investigação. Com isso, esta seção discorre sobre o conceito de gênero textual no âmbito do ISD.

Toda a proposta do ISD está ancorada na tese de que o gênero é um instrumento (SCHNEUWLY, 2004). A definição de gênero de texto do ISD advém dos estudos de Bakhtin (1979/2011), que afirma que os indivíduos se comunicam por meio de determinados gêneros, ou seja, todos os nossos enunciados apresentam formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Para o autor, os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 282).



Ampliando a discussão sobre os gêneros, Bronckart (1999, p. 73) traz a concepção de gênero de texto, esclarecendo que:

[...] na noção de gênero de texto no decorrer deste século e, mais particularmente a partir de Bakhtin, essa noção tem sido progressivamente aplicada ao conjunto das produções verbais organizadas: às formas escritas usuais (artigo científico, resumo, notícia, publicidade etc.) e ao conjunto das formas textuais orais, ou normatizadas, ou pertencentes à “linguagem ordinária” (exposição, relato de acontecimentos vividos, conversação etc.). Disso resulta que qualquer espécie de texto pode, atualmente ser designada em termos de gênero e que, portanto, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero.

Todo esse conhecimento sobre gêneros textuais que utilizamos nas interações de linguagem são conhecimentos adquiridos no decorrer das vivências dos indivíduos. A escola sempre foi uma grande aliada na aprendizagem dos diferentes gêneros textuais com os quais os estudantes têm contato durante seu desenvolvimento cognitivo. Mais recentemente, as tecnologias trouxeram espaços em que diferentes gêneros são utilizados. São plataformas e aplicativos interativos nos quais os indivíduos interagem por meio de diferentes gêneros e de inúmeras maneiras.

Esses espaços de interação no meio tecnológico são facilitadores para o surgimento de novos gêneros, e contribuem para o contato, o aprendizado e/ou a apropriação de uma diversidade de gêneros pelos indivíduos.

Para Bronckart (1999), tendo em vista esse conhecimento adquirido, no momento das interações de linguagem, os indivíduos saberão fazer a escolha de um determinado gênero textual a ser usado no contexto social em que se encontram, dependendo da sua necessidade naquele momento. Isso se explica em razão de que toda a ação linguageira dispõe de tomadas de decisões por parte do agente.

Os gêneros de textos integram as atividades de linguagem usadas em situações de coletividade e relação entre os pares, pois “são modelos pré-construídos e legados pelas gerações anteriores, espécies materializadas em textos que estão cristalizados em determinados momentos, estabilizados pelo uso” (MAGALHÃES; CRISTÓVÃO, 2018, p. 26). Na perspectiva do ISD, os gêneros são materializados em textos, como referenda Cristóvão (2013, p. 363-364) quando afirma que “Lemos, escutamos e produzimos textos como uma forma de participação social no mundo. Questões sociais de natureza cultural, econômica, étnica entre outras são manifestadas em nossos textos e interpretadas em nossas relações texto-contexto”.

Bronckart (2008, p. 87) reflete sobre a relação entre agir linguageiro e unidade comunicativa:

[...] o agir linguageiro se traduz em um texto, que pode ser definido como toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada e que visa a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário, ou, então, como unidade comunicativa de nível superior, correspondente a uma determinada unidade de agir linguageiro. Nessa perspectiva, para fazer justiça à diversidade das formas de agir, utilizamos a expressão modos de agir linguageiro e, para dar conta da variedade das produções verbais, utilizamos a noção de gênero de texto (e não a de gênero de discurso) [...].

Com o objetivo de explicitar a significação da noção de gêneros textuais, Bronckart (2003, p. 66) sintetiza sua compreensão, destacando aspectos fundamentais que esclarecem o conceito e afirma que os gêneros “são formações sócio linguageiras fechadas (são gêneros de textos), organizadas segundo modalidades heterogêneas, em função de determinações heterogêneas; o que podemos, em consequência, é apenas descrevê-los”.

Portanto, considerando que todo o texto é um correspondente linguístico de uma ação de linguagem e que todo o texto é a materialização de um gênero (BRONCKART, 2010), “todo texto empírico novo é construído com base em um gênero” (MAGALHÃES; CRISTÓVÃO, 2018, p. 26). Nesse sentido, os estudos de Bronckart (1999, 2006, 2008, 2010) preconizam que para a socialização e para a inserção prática nas atividades comunicativas humanas, os indivíduos necessitam fundamentalmente se apropriarem de diferentes gêneros de texto.

Assim, a importância dos gêneros de textos na sua abrangência nos remete a refletir: como poderíamos nos comunicar se não através dos diferentes tipos de textos? Teríamos que elaborar um gênero de texto cada vez que quiséssemos nos comunicar de diferentes formas?

Para que ocorra a comunicação, é preciso que os indivíduos se utilizem da linguagem juntamente com a interação social, e é nessa interação sócio-histórica que muitos gêneros textuais irão se constituindo no decorrer da história. No âmbito do ISD, o texto não pode ser visto fora de contexto, o qual

[...] designa uma unidade concreta de produção de linguagem, que pertence necessariamente a um gênero, composta por vários tipos de discurso, e que também apresenta os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular (BRONCKART, 1999, p. 77).

Após a tomada de decisão sobre qual gênero usar em determinada situação, o indivíduo considera outras decisões, as quais são discutidas por Gondim (2012, p. 42-43):

A primeira decisão a ser tomada é quanto a que gênero utilizar (qual gênero se encaixa ao que é pretendido pelo produtor, qual o lugar social e os papéis dos participantes da interação), só depois dessa primeira decisão é que outras deverão ser tomadas: constituição do contexto de produção envolvendo os mundos discursivos (“formais ou representativos”): mundo objetivo (representação dos objetos do mundo) mundo social (regras e convenções sociais) e mundo subjetivo (conhecimento sobre as características individuais e internas de cada ser humano); a organização do texto em um folheado textual: infraestrutura geral do texto, os mecanismos enunciativos.

No que refere aos estudos sobre os gêneros textuais na perspectiva do ISD, cabe, ainda, destacar as capacidades de linguagem, que são desenvolvidas por meio do contato e do uso de gêneros textuais em diferentes situações comunicativas e diferentes contextos. Nesse cenário, a compreensão das capacidades de linguagem é primordial para este estudo, pois é a partir delas – e do seu estabelecimento como categorias de análise – que esta investigação evoluiu.

### **3.2.1 Os gêneros literários que constituem o grande grupo de histórias para crianças**

É certo que o gênero contação de história é muito mais antigo do que os gêneros literários que conhecemos atualmente. Considerando a história da humanidade, sabemos que o ser humano é um contador de histórias, e que muito daquilo que é contado a adultos transforma-se em versões infantis, com as adaptações apropriadas e permeadas pelos aspectos da cultura de cada povo.

Hoje, na maioria das vezes, a contação de histórias infantis realizada é feita a partir de um registro escrito, publicado em um livro infantil. Diante dessa conexão entre os

gêneros contação de histórias e os gêneros literários que são escritos e, muitas vezes, contados às crianças, julgamos pertinente apresentar esta seção, com o propósito de compreender essas conexões.

As HIs constituem-se como um gênero literário específico pelo qual realizam CHs, as quais, por sua vez, podem ser compostas por variados gêneros literários, tais como: contos de fadas, fábulas, lendas, mitos e poesias, ou ainda receitas, cartas, entre outros que, sendo bem contados, levarão à imaginação e ao sonhar.

Os autores, criadores das histórias infantis, com base nas características que as formam, procuram realizar a comunicação entre o livro e o leitor de forma envolvente, observando sempre o grau de desenvolvimento em que a criança se encontra, os temas que lhe fascinam e uma percepção do mundo, trazendo assim a realidade de vivências de forma a envolver esses futuros leitores, para que a história lhe faça algum sentido. Nesse cenário, Freire (1996, p. 11-12) pondera que “[...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Diante disso, podemos afirmar que o autor não concordava com a leitura de concepção tradicional, entendida como decodificação, sem qualquer significado para a vida dos leitores. Na concepção de Freire, a leitura é entendida como uma prática social, que se constrói por meio da interação entre linguagem e mundo, mundo esse referenciado neste tópico pelos gêneros textuais das HIs. Para Freire (1989, p. 09), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

De acordo com Souza (2015), as histórias infantis, muitas vezes produzidas de forma narrativa, são criadas em diversas partes, marcadas por tempo, espaço, personagens, enredo e conflitos, com seus devidos resultados. Esse tipo de texto narra, geralmente, acontecimentos envolvendo seus personagens, que se encontram nas mais variadas situações, que são contadas através das mais diferentes histórias, como contos de fadas, fábulas, lendas, poemas ou qualquer outro texto destinado ao público infantil.

Das marcações que formam as HIs, o narrador, ou seja, aquele que conta a história, é considerado um de seus principais elementos. Nesse contexto, não se pode confundir o autor com o narrador, pois ambos não são a mesma pessoa, o autor é quem cria a obra, o narrador é um elemento fantasioso que faz parte da obra, criação do autor (SOUZA, 2015).

Nessas narrativas ainda estão inseridos os personagens, que transitam entre ser mocinho ou ser bandido, em um tempo por vezes cronológico, semelhante ao tempo do relógio, por outras vezes psicológico, que é o tempo da movimentação da consciência ocorrido na mente do personagem, que diz que o tempo do personagem pode ser relativo, ou seja, não determinando se ele está no passado, no presente ou no futuro (SOUZA, 2015).

Todas estas histórias infantis, caracterizadas como gênero literário, têm características distintas, que as fazem únicas enquanto textos literários. No Quadro 1 – construído com base nos estudos de Pilla (2013) – é apresentada uma sistematização dos gêneros literários que englobam as histórias infantis e as histórias analisadas nos canais de contação de histórias.

**Quadro 1- Gêneros literários que englobam as histórias infantis e suas funções**

Gênero literários	Função e características
<p><b>Fábulas:</b> Costumam ser histórias curtas. Bastante comum vermos fábulas sendo integradas por animais ou objetos.</p>	<p>Como as fábulas sempre terminam com alguma lição, podem ser importantes para estimular o senso moral nas crianças.</p> <p>As fábulas são histórias que têm como personagens principais animais que atuam como seres humanos, que falam, que pensam e que se organizam, têm caráter, que pode ser “positivo ou negativo”, e geralmente contêm princípios morais cujo objetivo é dar instruções às crianças (PILLA, 2013).</p>
<p><b>Contos:</b> Esse gênero literário é composto como uma narrativa curta que envolve apenas um conflito. Nesse sentido, o momento de maior tensão do gênero é chamado de clímax. Além disso, embora não seja uma regra, é comum que em um conto se apresente: poucos personagens, espaços limitados e tempos reduzidos.</p>	<p>Mesmo de modo inconsciente, a leitura de contos estimula muitas crianças a encarar seus problemas, motivados pelos atos corajosos de seus personagens.</p> <p>Estas referem-se a heróis, reis, rainhas e santos que, em muitos casos, fazem parte da história da humanidade e que acabam recebendo elementos mágicos que passam a compor o seu ser e seus atos de braveza e heroísmo, ou seres mágicos ou sobrenaturais que, muitas vezes, se referem a manifestações ou fenômenos da natureza (PILLA, 2013).</p>

<p><b>Lendas:</b> As lendas são narrativas populares, geralmente baseadas em acontecimentos históricos e repassadas através de gerações.</p>	<p>A mesma lenda pode ter diferentes versões, de acordo com o local onde ela é contada. Elas podem ser ótimas para o desenvolvimento cognitivo das crianças, já que mexem com o imaginário popular.</p> <p>A maioria das lendas brasileiras provêm da cultura africana, indígena ou europeia, ou seja, vieram junto com alguns povos responsáveis pela formação das matrizes étnicas do povo brasileiro. Compõem as nossas lendas as histórias como a do Saci Pererê, Mula sem cabeça, Iara, o boto, Negrinho do pastoreio, lendas indígenas da mandioca, do milho, de Jaci, Peri, Boitatá. (PILLA, 2013).</p>
<p><b>Mitos:</b> Mitos são narrativas que foram utilizadas pelos povos gregos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, as origens do mundo e dos seres humanos. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Esses componentes são interligados com fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram.</p>	<p>Os mitos são a origem das lendas e são histórias com enorme potencial para estimular a imaginação e a criatividade das crianças, pois podem envolver seres mágicos e elementos sobrenaturais.</p> <p>Alguns dos mitos mais conhecidos foram repassados oralmente por muitos anos e tinham a intenção de explicar o desconhecido, principalmente fenômenos naturais. Dessa forma, surgiram desde as histórias dos deuses gregos e dos personagens do nosso folclore.</p> <p>O mito tem como base primordial explicar fenômenos como a vida ou a morte, a criação dos seres humanos e de plantas que se tornaram conhecidas. (PILLA, 2013).</p>
<p><b>Contos de fadas:</b> Os contos de fadas são narrativos cujas história se reproduz a partir de um motivo principal e transmite conhecimento e valores culturais de geração para geração, transmitida oralmente e onde o herói ou a heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal.</p>	<p>Os contos de fadas ensinam às crianças valores importantes, como por exemplo, superar problemas como a morte de um ente querido, ter que lutar pela vida e a separação de familiares. Também são responsáveis por fazê-las aprender lições de moral e a diferença entre o bem e o mal. Não podemos esquecer do famoso final feliz, que mostra que eles devem ter esperança de um futuro melhor.</p> <p>Os personagens dos contos são fadas, elfos, silfos, gnomos, reis, rainhas, bruxas, princesas, cavaleiros, entre outros seres da humanidade ou do mundo mágico (PILLA, 2013).</p>

**Fonte: elaborado pela autora com base em Pilla (2013)**

As histórias infantis, contadas nas suas mais variadas versões, trazem benefícios múltiplos a quem as lê ou escuta, ou seja, podem desenvolver a evolução social e cognitiva e a ampliação da oralidade e do vocabulário, e promovem o entendimento do eu e do outro, dentre tantas outras capacidades.

É importante frisar que para contar e entender uma HI, assim como para criar e escrever uma, o indivíduo necessita de capacidades de linguagem desenvolvidas. Por outro lado, ao ter contato com esses gêneros, seja por meio oral ou escrito, o indivíduo desenvolve suas capacidades de linguagem. A compreensão do que são essas capacidades foi aspecto primordial para que este estudo fosse concretizado, pois é com base nelas que as análises das histórias selecionadas foram feitas, e, por isso, estão descritas na seção a seguir.

### **3.3 As capacidades de linguagem**

As capacidades de linguagem (CL) são vistas como habilidades adquiridas pelos sujeitos no momento de socialização e vão desde um diálogo informal até um gênero textual mais complexo como um discurso argumentativo ou uma palestra científica. Nessas situações, o locutor usará suas capacidades desenvolvidas no decorrer de suas aprendizagens e vivências para se fazer entender.

As CL são decorrentes dos estudos do ISD. Dolz, Pasquier e Bronckart (2017) pontuam que todo o desenvolvimento humano se faz a partir de um agir coletivo agregado às ações de linguagem. Na seção, “O desenvolvimento das capacidades de linguagem”, os autores definem as CL como “aptidões requeridas para a realização de um texto numa situação de interação determinada” (2017, p. 10), distinguindo três tipos de CL, a saber: (1) capacidades de ação, (2) capacidades discursivas e (3) capacidades linguístico-discursivas.

Os autores definem cada uma das capacidades:

[...] capacidades de ação, isto é, aptidões para adaptar a produção de linguagem às características do contexto e do referente; capacidades discursivas, ou aptidões para mobilizar os modelos discursivos pertinentes a uma ação determinada; por fim, capacidades linguístico-discursivas ou capacidades de domínio das múltiplas operações psicolinguísticas exigidas para a produção de um discurso singular (DOLZ; PASQUIER; BRONCKART, 2017, p. 10).

Schneuwly e Dolz (2004, p. 74) discorrem sobre as capacidades de linguagem:

Toda ação de linguagem implica, por outro lado, diversas capacidades da parte do sujeito: adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidade de ação), mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursiva).

Sobre as capacidades de ação, Cristóvão (2013, p. 368) pontua:

[...] capacidades de ação se constituem pela faculdade/possibilidade da pessoa construir conhecimentos e/ou representações sobre o contexto de produção de um texto o que pode contribuir para o seu reconhecimento do gênero e sua adequação à situação de comunicação.

A partir disso, cabe dizer que as capacidades de ação são demonstradas no decorrer das situações do uso da linguagem, nas interações e, também, em um possível contexto específico que está sendo vivenciado pelo sujeito, fazendo assim com que esse consiga adaptar a sua linguagem às situações e às características que o contexto solicitar.

Quanto às capacidades discursivas, é possível inferir que o sujeito fará escolhas de quais tipos de discurso irá preferir para realizar uma prática de linguagem. Para Cristóvão (2013), essas capacidades “possibilitam a mobilização de conhecimentos e/ou representações sobre a organização do conteúdo em um texto e sua apresentação” (p. 368).

Seguindo a descrição de Dolz, Pasquier e Bronckart (1993/2017), Cristóvão (2013, p. 368) sintetiza as capacidades linguístico-discursivas, afirmando que elas “se constituem por conhecimentos e/ou representações que um indivíduo constrói sobre as operações e os recursos de linguagem necessários para a produção ou compreensão de um texto”.

Cristóvão (2013) retoma a base científica do ISD para discutir as três CL já conhecidas. É nesse texto que a autora propôs a expansão das CL, apresentando as capacidades de significação.

Cristóvão e Stutz (2011) mencionaram pela primeira vez o termo capacidades de significação. Elas justificam a proposta pela necessidade de que a atividade geral de conjuntos e sistemas de gêneros fosse evidenciada. Além disso, destacam que essa contribuição foi pensada para ampliar o quadro de intervenção didática para produção e



compreensão de textos na aprendizagem de línguas estrangeiras, especialmente (CRISTÓVÃO 2013, p. 370).

Para Cristóvão e Stutz (2011, p. 22-23),

[...] as capacidades de significação (CS) possibilitam ao indivíduo construir através das representações e/ou conhecimentos sobre as práticas sociais (contexto ideológico, histórico, sociocultural, econômico etc.) que envolvem esferas de atividade, atividades praxiológicas em interação com os conteúdos temático de diferentes experiências humanas e suas relações com as atividades de linguagem. Os critérios para análise compreendem:

(1CS) Compreender a relação entre texto e a forma de ser, pensar, agir de quem os produz;

(2CS) Construir mapas semânticos;

(3CS) Engajar-se em atividades de linguagem;

(4CS) Compreender conjuntos de pré-construídos coletivos;

(5CS) Relacionar os aspectos macro com sua realidade;

(6CS) Compreender as imbricações entre atividades praxiológicas e de linguagem;

(7CS) (Re)conhecer a sócio-histórica do gênero;

(8CS) Posicionar-se sobre relações textos-contextos.

No estudo de 2013, Cristóvão trouxe de forma mais concreta a proposta de expansão das capacidades de linguagem, descrevendo as capacidades de significação. A autora apoia sua proposta em estudos sobre significação de autores como Fillierraz e Bronckart (2004) e Bawarshi (2011), afirmando que se ancora “na visão de proporcionar rols de possibilidades de interpretação/compreensão e ação em suas relações dinâmicas e interdependentes com sua rede” (CRISTÓVÃO, 2013, p. 374).

A pesquisadora atribui

[...] às capacidades de significação e às capacidades de ação o que constitui uma análise pré-textual, movendo-se do nível da atividade para o nível da ação de linguagem ao passo que as capacidades discursivas e as capacidades linguístico-discursivas privilegiam as análises textuais. (CRISTÓVÃO 2013, p. 373).

Cabe destacar que esses estudos compreendem as CL como “articuladas e atravessadas entre si, colaborando para ser, estar, (inter)agir no mundo” (CRISTÓVÃO, 2013, p. 171), ou seja, elas não existem separadamente, uma é dependente da outra e se desenvolvem no indivíduo à medida que o indivíduo desenvolve sua linguagem. A expansão das CL, com as capacidades de significação, contribuiu para o trabalho didático de construção de sentidos, destacado por Cristóvão (2013) como objetivo dos letramentos.

Posteriormente, novos estudos surgiram no campo das capacidades de linguagem com a proposição das capacidades multissemióticas, com o intuito de destacar os aspectos multimodais. Essas capacidades já aparecem na literatura mais recente:

A aprendizagem, no nosso contexto, da Língua Portuguesa com base em gêneros visa ao desenvolvimento das capacidades de linguagem, que inicialmente eram três. Entretanto, duas outras capacidades de linguagem figuram no quadro do ISD, numa expansão que contribui para envolver aspectos ideológicos e multimodais das interações. São então cinco capacidades que o ensino de Língua Portuguesa deve focar: capacidade de ação, capacidade discursiva, capacidade linguístico-discursiva, capacidade multissemióticas e capacidade de significação (MAGALHÃES; CRISTÓVÃO, 2018, p. 29).

Tudo isso reforça a importância dos pressupostos do ISD que tomam as ações sociais e os gêneros como instrumentos e evidenciam o ensino a partir dos gêneros, como forma de conectar os indivíduos às práticas sociais reais do cotidiano.

Sistematizando, as CL apresentam-se como:

- capacidades de ação (CA): são as habilidades adquiridas para se adequar ao contexto de produção, ou seja, que permitem ao indivíduo relacionar as ações realizadas verbalmente às diversas exigências do meio social.
- capacidades discursivas (CD): na escolha do enunciado, e da organização de um texto, o sujeito elaborará opções para quais tipos de discursos irá preferir para realizar uma prática de linguagem.
- capacidades linguístico-discursivas (CLD): ações de coerência e coesão textual, decorrente da escolha adequada tanto dos mecanismos enunciativos quanto dos de textualização no uso da língua em questão.
- capacidades multissemióticas (CM): de compreender imagens, formas e desenhos.
- capacidades de significação (CS): aliada às capacidades anteriores em um contexto mais amplo, trazendo, ao todo, mais oito capacidades de linguagem.

Souza e Stutz (2019, p. 1120) destacam os fundamentos das capacidades de significação (CS), esclarecendo cada uma das capacidades que estão sistematizadas no Quadro 2.

## Quadro 2 - Fundamentos das capacidades de significação

Capacidades	Conceitos
<b>Capacidade de significação (CS) 1</b>	Visa compreender a relação entre o texto e a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz, possibilitando que o produtor possa tecer elementos do mundo físico, psíquico e social das instituições, espaços e esferas da atividade de linguagem;
<b>Capacidade de significação (CS) 2</b>	Explora os mapas semânticos, que informam sobre os conhecimentos de ordem individual e coletiva com base nas escolhas de um campo lexical dada uma rota de informações possíveis ou compreensão de segmentos de tratamentos temáticos;
<b>Capacidade de significação (CS) 3</b>	Abrange o engajamento na produção e compreensão da atividade de linguagem dada uma visão holística da situação contextual e textual;
<b>Capacidade de significação (CS) 4-5</b>	Buscam, ambas as capacidades, tecer relações dos pré-construídos coletivos advindos da atividade de linguagem quanto ao contexto macro e as interações com a realidade de quem as utilizam;
<b>Capacidade de significação (CS) 6-8</b>	Analizam, respectivamente, os modos de fazer advindos do olhar praxeológico com a linguagem que permeia as atividades de linguagem com relação aos textos e aos contextos em que atuam;
<b>Capacidade de significação (CS) 7</b>	Reconhece a sócio-histórica do gênero, envolve o ato linguageiro de (re) conhecimento da sócio-histórica do gênero.

**Fonte: elaborada pela autora com base em Souza e Stutz (2019)**

Todo este conhecimento sobre as CL será retomado para a análise dos episódios selecionados dos canais de CHs, juntamente com o perfil de suas contadoras, item analisado a seguir.

### 3.4 Discutindo o perfil do contador de histórias infantis

Considerando o objetivo geral deste estudo, que é o de investigar a contação de histórias voltadas à formação de leitores em três canais do *Youtube* a fim de verificar as suas potencialidades para desenvolvimento geral das crianças entre 6 e 8 anos em processo de alfabetização/letramento, além de observar as contribuições para o desenvolvimento das capacidades de linguagem na perspectiva do ISD, faz-se necessário discutir as características do contador de histórias. Afinal, o contador de histórias é protagonista neste processo, é fundamental para que a atividade de contação seja significativa e alcance bons resultados com as crianças. Nesse contexto, esta seção discorre sobre as principais características do bom contador, já que essas características serão utilizadas como critérios na análise dos canais que constituem o *corpus* deste estudo.

Contar histórias não é somente possuir um dom, mas uma técnica que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa interessada nesta arte. É possível perceber que

[...] fala-se muito que contar histórias é um dom, não pensamos assim. Existem pessoas que têm mais facilidade, e outras que têm menos, mas todas são perfeitamente capazes de contar uma história de forma a despertar atenção e interesse, desde que se preparem para isso. Muito mais que um dom, contar histórias é técnica e preparo. Em primeiro lugar é preciso entender a história, destacar em que lugar se passa, em que época, quem são os personagens principais, os secundários, quais são as suas características. É importante também perceber na história quais são os pontos que interessam mais ao ouvinte específico, de acordo com sua idade e referências pessoais, para enfatizá-los, talvez dar um toque de humor, como também eliminar passagens de pouco interesse que não são essenciais para a compreensão da história (DOHME, 2013, p. 31).

Na verdade, é preciso ter em mente que contar histórias vai muito além do ato de ler uma história. Contar uma história, com efetividade, é ter a capacidade de fazer desse momento um momento único, de magia e encantamento para as crianças. Busatto (2021, p. 45-46) afirma: “Assim conto histórias para formar leitores; para manter a história viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito [...]”.

Enquanto conta uma história, o contador pode munir-se de várias estratégias para trazer magia a sua performance, como incorporar os personagens com diferentes vozes, inventar sons, o que criará expectativas dos ouvintes e trará o mundo da fantasia para perto naquele instante. O contador pode, também, movimentar-se, buscar artefatos, criar imagens, vídeos, sem esquecer que nada precisa ser, necessariamente, ofuscante em demasia, mas criativo ao ponto de chamar a atenção das crianças. Em vista disso

[...] é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”. Ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressar de cara, não vai ser da metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e exige... “E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...”, ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador (ABRAMOVICH, 1989, p. 21-22).

Dohme (2013, p. 25), defende que “a pesquisa, o teste e o treino farão com que de uma história se chegue a outra e, com alguma habilidade e dedicação, estaremos aptos a fazer adaptações à técnica desejada ou mesmo criar nossas próprias histórias”. Em outras palavras, é importante que haja toda uma preparação e estudos para que se possa, então, realizar uma atividade direcionada à contação de história.

Para a autora, é preciso uma preparação técnica no planejamento da contação de história, como, por exemplo, observar a escolha do ambiente da história que será contada e, ainda, contar com mecanismos intelectuais para que a contação se realize com efetividade.

Segundo Busatto (2021, p. 58):

Narrar demanda um trabalho investigativo, estudo e treino. Inicialmente é necessário que você sinta o conto e as suas intenções, que o apreenda através do seu simbolismo, e só então passe para uma análise técnica das possibilidades que ele apresenta. Em seguida uma nova fase do seu trabalho: memorizar o texto (e não decorar o texto), descoberta das imagens verbais, sonoras e corporais. As imagens são fortes aliadas no processo de memorização [...].

Em todo esse conjunto de conhecimentos está o perfil de um bom contador de histórias, com toda a sua base intelectual, literária e técnica. E, porque não dizer, envolto em suas percepções de vida que serão expostas por meio de suas contações. E para quem contar estas histórias afinal? De acordo com Busatto (2021, p. 46-47): “Para quem quiser ouvir. Seja narrando para uma ou várias crianças é fundamental que se conte com o coração, e, se falo desse segredo como o primeiro da lista, é por considerá-lo a premissa máxima para que o narrador tenha sucesso na sua proposta”.

Entendemos que o contador de histórias necessita ser um leitor nato e voraz, pois ele vai mediar as histórias lidas para as crianças, despertando o interesse por novas

histórias. Além disso, também precisa apreciar o contato com as pessoas, ser um bom ouvinte, gostar de interagir e de promover a interação entre aqueles que escutam suas histórias.

Conforme Sisto (2005, p. 21):

A grande “dica” para ser um bom narrador de contos é ler muito [...] E não ter pressa: o contador de histórias tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer (que é muito diferente de ler uma história, que também é diferente de explicar uma história!).

Não basta apenas querer ser um contador de histórias, pois quem o deseja ser precisa desenvolver habilidades e capacidades específicas que, além de serem muitas, são dinâmicas. Diante de tantas qualidades necessárias ao contador de histórias, buscamos sistematizar algumas das características que consideramos mais importantes e que servirão para analisar os canais selecionados para este estudo. Assim, com base nos trabalhos de Abramovich (1993), Busatto (2021), Dohme (2013) e Sisto (2012), o Quadro 3 traz a sistematização das principais características do contador de histórias.

**Quadro 3 - Características de contador de histórias**

Características: ter e saber	Descrição ou explicação: o contador deve...
<b>Conhecimento aprofundado da história, personagens e contexto e boa capacidade de narração</b>	ter uma ótima compreensão geral da história que vai contar; conhecer a história, seus fatos e personagens em detalhes;  saber destacar os pontos que mais interessam aos ouvintes, de acordo com a faixa etária, narrando a história de forma atrativa.
<b>Demonstrar diferentes emoções para sensibilizar</b>	estimular variados sentimentos de quem ouve a história, tais como: empatia, raiva, alegria, tristeza, euforia, medo, graça, entre outros. A imaginação e a criatividade dos ouvintes são estimuladas por meio dos sentimentos. Os sentimentos, por sua vez, sensibilizam os ouvintes e mobilizam sua atenção.
<b>Voz flexível e adequada</b>	ser capaz de sensibilizar os ouvintes com sua voz, por meio das narrativas contadas, pois a voz é seu principal instrumento. É necessário aumentar e diminuir o tom no decorrer da narrativa, bem como utilizar diferentes vozes, entonações e sotaques para representar/destacar diferentes personagens.
<b>Postura</b>	ter postura firme, atraente, encantadora. Os movimentos – faciais e

	corporais – e a voz transmitem sentimentos aos ouvintes.
<b>Usar diferentes artefatos</b>	usar, a seu favor, fantoches, dedoches, fantasias, marionetes, brinquedos, livros, luzes, avental de contar histórias, bocões, efeitos sonoros, entre outros.
<b>Usar o tempo a seu favor</b>	não ter pressa em acabar, mas apreciar o ritmo que cada narrativa pede.
<b>Planejamento e preparo</b>	pesquisar, treinar, planejar estratégias, manter-se atualizado, buscando conexão com a faixa etária alvo.

Fonte: elaborado pela autora

Cabe dizer que o bom contador de histórias precisa estar munido de todas essas habilidades destacadas acima. Da paixão pela leitura, do desenvolvimento de técnicas à prática realizada com frequência, nasce um novo contador de histórias que pode, atualmente, desempenhar a sua atividade em canais de plataformas de vídeo como o *youtube*, tópico analisado a seguir.

## **4. O ESTUDO: INVESTIGANDO OS CANAIS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

### **4.1 Natureza, caracterização, metodologia e procedimento**

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, pois, diante do que afirmam Prodanov e Freitas (2013, p. 70), “Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. [...] Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador”.

Ainda, mediante Denzin e Lincoln (2006, p. 17), quando uma pesquisa “abrange estudos nos quais se localiza o observador no mundo, constituindo-se, portanto, num enfoque naturalístico e interpretativo da realidade”, ela pode ser considerada qualitativa.

Sendo assim, dentre os pressupostos da pesquisa qualitativa inserem-se os de natureza interpretativista, que atuam como uma forma de compreender as práticas sociais, conforme as palavras de Denzin e Lincoln (2006, p. 17): “cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos sociais em termos de significados que as pessoas a eles conferem”. Além disso, envolve verdades e interesses locais.

No que diz respeito aos objetivos, classifica-se como exploratória e descritiva, pois, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52), “[...] observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem a interferência do pesquisador [...]”.

### **4.2 Os canais de contação de histórias e as categorias de análise**

Para este estudo foram selecionados três canais de contação de histórias para crianças do *Youtube*. Eles foram selecionados entre 2021 e 2022, a partir dos seguintes critérios: número de seguidores, perfil do/da contador/a, faixa etária do canal, produção geral do vídeo (cenário, vozes, fantasias, iluminação), tempo de cada contação, comentários no canal e quantidade de *likes* (curtidas) em cada episódio. Assim, foram selecionados um canal com mais de 500 mil inscritos, um de média popularidade com mais de 200 mil seguidores e um menos popular de 100 mil inscritos. Essa seleção também permitiu uma comparação das escolhas dos seguidores frente a qualidade de cada canal. Cabe registrar que as informações descritas a seguir foram realizadas com base na análise dos canais feita no segundo semestre de 2022.



O primeiro canal analisado denomina-se Varal de Histórias e foi criado em 3 de junho de 2013, conforme informações obtidas na plataforma *Youtube*. Sua apresentadora é a artista e contadora de histórias Juçara Batichoti.

O cenário do canal, ao mesmo tempo em que transmite um ar de simplicidade, possui, também, um aspecto de pureza e aconchego, com cortinas azuis celestes quadriculadas, marcando a identidade visual do canal. Até setembro de 2022 não houve modificações. O canal destina-se a crianças da faixa etária de 4 a 9 anos de idade.



Fonte: Imagens da plataforma *Youtube*

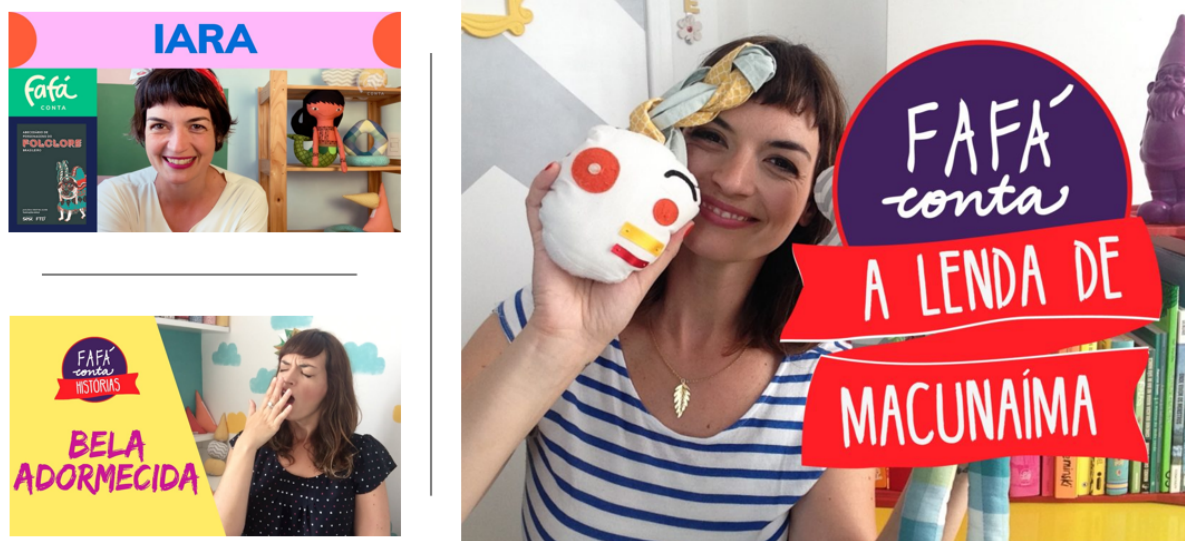
Esse canal possuía, em setembro de 2022, mais de quinhentos mil inscritos. Nele estão postados mais de 350 vídeos com histórias de diversos temas para crianças. Geralmente, os vídeos contêm muito mais curtidas positivas que negativas, chegando ao marco de duas mil curtidas por vídeo. A média de visualizações do conteúdo do canal Varal de Histórias estava em torno de 88 milhões de visualizações.

A contação de histórias é feita pela própria atriz e contadora, que exerce a contação de histórias como profissão, uma vez que se dedica de diversas maneiras a esse contexto, pois, além da contação em si, ensina como confeccionar acessórios para a contação e algumas técnicas para novos contadores.

Em geral, a contadora demonstra domínio de fala e de interpretação em cada história que conta, trazendo diferentes entonações de vozes, dando vida a fantoches e buscando artefatos para que as histórias sejam cada vez mais interessantes ao público infantil.

Todos os sábados, a artista grava um novo episódio para o canal e, às quartas-feiras, ela compartilha maneiras de confeccionar os recursos (fantoques, dedoches etc.) para a arte de contar de histórias. Ela também oferece *workshops* em que ensina a arte da contação de histórias, cursos de memorização para contadores de histórias, além de ser autora do livro *Cuidado com a Língua, Arturo*. O livro possui uma coleção de contação de histórias que pode ser adquirida juntamente com o livro.

O segundo canal analisado é chamado Fafá Conta e foi criado em 21 de julho de 2015, segundo informações da plataforma *Youtube*. Sua apresentadora chama-se Flávia Scherner, conhecida no canal como Fafá. Ela é atriz profissional há mais de dez anos, trabalha com teatro, como apresentadora, faz comerciais de TV para empresas como VIVO, Chamyto, Volkswagen, Toyota e O Boticário.



Fonte: Imagens da plataforma *Youtube*

A atriz descreve a sua trajetória com a seguinte afirmação:

Designer, atriz, apresentadora, essas são algumas das profissões que tive antes de ser contadora de histórias. Aliás, eu nem sabia que contadora de histórias poderia ser uma profissão. A vida foi se encaminhando para trazer isso para mim. Tudo começou com uma história que minha mãe sempre me contava. Nós duas contávamos, ela de um jeito tão especial que a história acabou se tornando um livro. Do livro, passamos a contar a história para crianças em um hospital e, logo depois, uma amiga me fez um convite inesperado para contar histórias no aniversário da filha. Eu, que achava que só sabia contar uma única história, não sabia nada sobre reter a atenção das crianças, como começar e finalizar uma história, fui me aventurar. E foi legal, mas também frustrante, me deparei com inúmeros desafios, devido à inexperiência. Mas de repente, toda a minha trajetória fez sentido. Tudo o que

vivi antes daquele momento foi crucial e estava me preparando para ser uma contadora de histórias (SCHERNER, 2022, s/p).

Fafá conta histórias com o objetivo de incentivar a literatura e a leitura na primeira infância, já que seu público-alvo são crianças de quatro a nove anos de idade. Além disso, objetiva estimular a imaginação e a criatividade nas crianças. Seu companheiro de contação é um boneco chamado Lelê, criação da própria atriz.

Em setembro de 2022, o canal possuía 17.740.639 visualizações e 275.000 mil inscritos. Os episódios têm entre três e dez minutos, exceto as contações que a atriz realiza no quintal, cujo tempo ficava em torno de vinte minutos de histórias contada.

O cenário possui uma iluminação em um tom azul ao fundo, um móvel de madeira com alguns objetos e uma estante com muitos livros. Fafá usa uma antena captadora de histórias na cabeça e a cada início de vídeo ela fala: “Antena que para o céu aponta, capte uma história que a Fafá conta”. Então, assim se iniciam as histórias contadas pela atriz, cujo domínio de fala, interpretação e simpatia tornam-na única, trazendo identidade para o seu canal, que possui um ar de descontração e alegria.

A contadora também realiza oficinas de contação de histórias chamadas de Oficina Fafabulosa. Além disso, lançou seu livro, em fevereiro de 2021, chamado *Dadó Ranzinza tem sua própria nuvem cinza*, com as ilustrações de Alexandre Rampazo, publicado pela Editora Ciranda Cultural.

A cada quinze dias Fafá conta uma nova história em seu canal. Ademais, nas terças-feiras, às 10 horas da manhã, ela ensina a desenhar e, nas quintas-feiras, em horários variados, realiza *lives* de contação de histórias no quintal, que são vídeos de maior duração.

Ao analisarmos o canal, ficou evidente que a apresentadora se dedica inteiramente ao universo de contação de histórias, desde a narrativa, a ilustração, o ensinar a contar e a escrita da literatura.

O terceiro canal analisado chama-se Carol Levy Histórias para Dormir e foi criado em 28 de abril de 2010, conforme informação da plataforma *Youtube*. O canal leva o nome da apresentadora. Ela é cantora e contadora de histórias.



conforme informações retiradas da plataforma *Youtube*. Contar histórias e cantar, assim como ministrar cursos sobre esses temas, é a profissão de Carol Levy.

Com base nas descrições dos canais, apresentamos, no Quadro 4, uma síntese com as principais informações de cada um.

**Quadro 4 – Síntese dos canais selecionados**

Nome dos canais	Varal de histórias	Fafá conta	Carol Levy/Histórias para dormir
<b>Número de inscritos</b>	+500 mil inscritos	275 mil inscritos	88,1 mil inscritos
<b>Perfil da contadora</b>	Atriz, escritora e contadora de histórias desde 2013	Atriz profissional e contadora de histórias desde 2015	Cantora e contadora de histórias
<b>Faixa etária do canal</b>	4 a 9 anos	4 a 9 anos	4 anos e para toda a família
<b>Produção geral do vídeo</b> (cenário, vozes, fantasias, iluminação, etc.)	Cenário simples, com um fundo de cortinas azuis quadriculadas, com boa iluminação. A contadora usa um avental colorido e, por vezes, imita a voz de personagens criados por ela.	O cenário possui muitos livros na estante e bonecos, é colorido e bem iluminado. A contadora não usa fantasias, mas possui uma antena para captar as histórias e, no ato de contar, apenas faz diferentes entonações de vozes no decorrer da história.	O cenário é construído por meio de imagens que surgem conforme a história vai sendo contada. Há muitas cores. A contadora não usa fantasia, mas possui um saco “mágico” para atrair as histórias. Faz entonações com a voz para diferenciar os personagens.
<b>Tempo de cada contação</b>	Entre 7 a 10 minutos	Entre 3 a 10 minutos	Entre 10 a 15 minutos
<b>Comentários no canal</b>	Comentários desativados	A maioria são comentários demonstrando carinho e admiração, apenas uma pequena parcela é de reprovação	Geralmente, os comentários demonstram muito carinho e admiração
<b>Quantidade de likes (curtidas) em cada episódio</b>	Entre 2.000 e 20.000 likes	Entre 350 e 17.000 likes	Entre 100 e 300 likes

### **Fonte: elaborado pela autora**

Considerando a descrição geral de cada canal, passamos para a análise do perfil de cada uma das contadoras de história, com base nas características descritas no Quadro 3. Na sequência, retomamos a pergunta principal que orientou o desenvolvimento deste estudo: os canais de CHs investigados contribuem para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças fomentado da formação de jovens leitores?

#### **4.3 As contadoras de histórias**

Nesta seção foram feitas as análises das três contadoras de história e, posteriormente, de três episódios de cada canal. Nas análises das características/perfil das contadoras, foram utilizadas as discussões teóricas na seção 3.4. Na sequência, procedemos às análises de três episódios de cada canal. Essas análises foram feitas ancoradas nos preceitos dos ISD e das capacidades de linguagem das seções 3.1, 3.2, 3.2.1 e 3.3.

Reforçando a premissa de que a contação de histórias se caracteriza como um gênero textual imprescindível para o desenvolvimento infantil e para formação de jovens leitores, retomamos a delimitação deste trabalho: a investigação/análise de três canais do *Youtube* voltados à contação de histórias em língua portuguesa, para crianças entre 6 e 8 anos de idade. Dessa forma, a fim alcançar o objetivo geral deste estudo, buscamos verificar a contribuição desses canais para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Nossa pesquisa ocorreu a partir do seguinte questionamento: os canais de contação de histórias para crianças, disponíveis no *Youtube*, contribuem para o desenvolvimento infantil em fase de alfabetização/letramento, mais especificamente, para o desenvolvimento das capacidades de linguagem e, por consequência, promovem a formação de novos leitores?

Mediante esse questionamento, apresentamos as seguintes análises deste estudo.

##### **4.3.1 A contadora do canal Varal de Histórias**

Esta análise foi realizada considerando-se, principalmente, os três episódios do Quadro 5.

**Quadro 5 - Histórias analisadas do canal Varal de Histórias**

Título do vídeo	Gênero	Visualizações/ <i>likes</i>	Tempo	Data de publicação do episódio
<b>O sapo e a flor</b>	Fábula	76.138/1,9Mil	5 min e 9 segs.	7 de out. de 2018.
<b>Os três Porquinhos</b>	Conto de fadas	1.663.218/14Mil	4 min. e 39 segs.	7 de fev. de 2015.
<b>Quem pegou minhas pintas</b>	Fábula	2.632.555/21Mil	10 min. e 50 segs.	6 de jan. de 2018.

**Fonte: elaborado pela autora**

O Quadro 6 traz uma síntese do perfil da contadora Juçara Batichoti e, na sequência, buscamos discutir essas características com base na literatura estudada.

**Quadro 6 - A contadora de histórias Juçara Batichoti**

Características (critérios): ter e saber	A contadora
<b>1 - Conhecimento aprofundado da história, personagens e contexto e boa capacidade de narração</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possui um ótimo conhecimento da história;</li> <li>- Menciona todos os personagens e suas características com detalhes importantes;</li> <li>- Dispõe de ótima capacidade narrativa.</li> </ul>
<b>2 - Demonstrar diferentes emoções para sensibilizar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Demonstra variadas emoções que podem sensibilizar os ouvintes.</li> </ul>
<b>3 - Voz flexível e adequada</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A voz da contadora é extremamente flexível e adequada, mudando a intensidade e a entonação para diferenciar cada personagem quando há essa demanda na história.</li> </ul>
<b>4 – Postura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A postura é adequada para as histórias; a contadora realiza performances com expressões corporais e faciais e adequação de voz para auxiliar no entendimento da história.</li> </ul>
<b>5 - Usar diferentes artefatos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A contadora usa diferentes artefatos em todos os episódios analisados.</li> </ul>
<b>6 - Usar o tempo a seu favor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O tempo utilizado para cada contação é adequado. São feitas pausas pertinentes.</li> </ul>
<b>7 - Planejamento e preparo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evidente e efetivo planejamento de cada contação, com preparo da contadora.</li> </ul>

**Fonte: elaborado pela autora**

A seguir, trazemos uma discussão sobre o Quadro 6, buscando evidências que confirmem as características da contadora do canal Varal de Histórias como adequadas frente ao que é dito pelos estudiosos do tema.

Assistindo aos episódios do canal Varal de Histórias, fica evidente que a contadora tem uma ótima capacidade narrativa, com conhecimento adequado sobre a história, seus personagens e o contextos nos quais a narrativa acontece. Ela conta os fatos com detalhes que trazem um significado concreto para a história e faz da contação uma arte. A afirmação de Abramovich (1989, p. 18) valida essa consideração sobre a contadora: “contar histórias é uma arte [...] e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] ela é o uso simples e harmônico da voz”.

Busatto (2003) descreve que narrar não é um ato simples, mas sim uma arte que requer cuidado por parte do contador de histórias. Para a autora, a palavra é protagonista e o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar. Nesse sentido, ao atentar para as



expressões da contadora e o modo como ela se utiliza de suas emoções e da voz para prender a atenção das crianças, foi possível constatar que ela dá bastante ênfase às mudanças de voz dos personagens. Nem sempre ela se utiliza da estratégia de sensibilizar o ouvinte pela emoção. Contudo, a entonação e a intensidade da voz, que variavam a cada mudança de personagem, foram fundamentais para o entendimento sobre os acontecimentos, conhecimentos e os valores que a história buscou trazer. Nesse aspecto, a performance da contadora se coaduna com Abramovich (1991) quando afirma que as técnicas fundamentais para um bom contador de histórias são o uso simples e harmônico da voz, a o repasse de sentimentos por parte de uma expressão bem trabalhada e a clareza de ambas.

O bom uso da voz aliado ao uso consciente e planejado das expressões faciais e corporais contribuem muito para o sucesso da contação como um todo. Entendemos que esses aspectos formam um todo harmonioso que dá graça e leveza à história. Essa constatação também se apoia na visão de Dohme (2017, p. 34):

O bom narrador não se senta e fica falando, impávido. O corpo deve acompanhar o que está sendo descrito. Todo corpo fala: a posição do tronco, os braços, as mãos, os dedos, a postura dos ombros, o balanço da cabeça, as contrações faciais e a expressão dos olhos. Os gestos devem estar coerentes com a narração, usados para reforçá-la. Os gestos nunca devem ser usados de forma não calculada, sistemática, principalmente quando se está contando uma história. Isto irá confundir a plateia, ainda mais se estiver composta de crianças.

A contadora dispõe sempre de algum tipo de artefato para tornar mais interessantes e expressivas suas contações e, assim, estimular ainda mais a imaginação dos ouvintes. No episódio O Sapo e a Flor, verificamos que o ambiente se mostra aparentemente simples, porém contém o necessário para a história contada. Havia apenas um tecido verde que lembrava um gramado, a figura do sapo, da rosa e do gafanhoto. A contadora estava com um vestido colorido, simbolizando a primavera, e todo o desenvolvimento da CH ficou a cargo da sua narrativa.

Considerando o que Dohme (2013) assevera, a contadora de histórias do Canal Varal de Histórias possui habilidades importantes tais como boa dicção, entonação e tom de voz, demonstrando boa coordenação motora e interpretação. Ela se mostra atenta à utilização de diferentes recursos para cada história contada, respeitando as particularidades de cada uma.

A declaração de Abramovich – “[...] não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, [deve-se] ir curtindo o ritmo e o tempo que cada narrativa pede e exige [...]” (1989, p. 21-22) – pode nos fazer pensar sobre o tempo de duração de uma contação. Esse é um fator muito importante em uma contação de histórias, pois é de conhecimento de professores e de estudiosos que as crianças não mantêm a atenção por muito tempo em um mesmo fato ou episódio. Portanto, vem a pergunta: uma contação de história no meio digital pode ter longa duração?

Os episódios no Varal de Histórias têm duração de 5 a 6 minutos, em geral, mas há histórias mais longas, de 10 minutos a 12 minutos. Nossa análise evidencia que as histórias de 5 a 6 minutos são mais adequadas. Cabe destacar, pois, que a psicologia infantil e os estudos sobre ensino e aprendizagem de crianças alertam sobre a necessidade de mudança de atividades para essa faixa etária. Ou seja, as crianças não persistem focadas na mesma atividade por muito tempo. Isso quer dizer que o planejamento para a contação de histórias para crianças deve considerar o tempo de duração. Acreditamos que, no meio virtual, o tempo ideal possa variar entre 5 e 8 minutos. Já presencialmente, por exemplo, em sala de aula, o professor contador de histórias, mesmo utilizando todos os recursos previstos para obter sucesso nesse trabalho e empregando o princípio da interação com as crianças, não deva ultrapassar os 12 minutos. Quando as histórias são mais longas, é possível dividi-las em mais de um episódio, no mesmo turno de aula ou em dias diferentes. Dessa forma, também se estará alimentando a curiosidade e o desejo da criança em conhecer o desenrolar e o desfecho da história.

Nossa percepção sobre o processo de contação alinha-se aos estudos de Caraballo (2023). Ele afirma que para poder se concentrar é necessário que nosso cérebro atinja um nível adequado de maturação. Ao longo de nossa infância, o cérebro continua a crescer e a se desenvolver gradualmente, permitindo que diferentes habilidades cognitivas apareçam e se expandam. Dessa forma, pouco a pouco, o tempo em que uma criança é capaz de concentrar a atenção em algo varia e cresce à medida que seu cérebro se desenvolve. A capacidade de concentração tende a aumentar entre três e cinco minutos por ano até a estabilização na idade adulta.

Uma das características principais, nas palavras de estudiosos que se debruçaram sobre o contador de histórias, é a paixão: aquela que se mostra pelas histórias que narra, a transmissão do amor pelo que faz aos seus ouvintes. Assim, foram analisados o planejamento e o preparo da contadora de histórias e ficou visível a habilidade e a

competência da contadora pela busca de seu propósito, demonstrando toda a sua paixão no ato da sua narração, tal como afirma Sisto (2005, p. 30): “só poderemos contar bem uma história quando ela nos toca de forma especial, quando faz vibrar alguma coisa dentro de nós. É a paixão que vai permitir o trânsito e a circulação da história”.

#### 4.3.2 A contadora do canal Fafá conta

Esta análise foi realizada considerando-se, principalmente, os três episódios apresentados no Quadro 7.

**Quadro 7 - Histórias analisadas do canal Fafá conta**

Título do vídeo	Gênero literário	Visualizações/likes	Tempo	Data de publicação do episódio
<b>Bela adormecida</b>	Contos de fadas	68 mil/ 1,9 mil	9 min. e 13 seg.	28 de jan. de 2017
<b>Macunaíma</b>	Lenda	410 mil/ 729	2 min. e 34 segs.	13 de abr. de 2016
<b>Iara</b>	Mito	15 mil/ 650	5 min. e 3 segs.	07 de agos. de 2021

**Fonte: elaborado pela autora**

O Quadro 8 traz uma síntese do perfil da contadora Flávia Scherner e, na sequência, buscamos discutir essas características com base na literatura estudada.

**Quadro 8 - A contadora de histórias Flávia Scherner**

Características: ter e saber	A contadora
<b>1 - Conhecimento aprofundado da história, personagens e contexto e boa capacidade de narração.</b>	- Possui um bom conhecimento da história, de seus personagens e do contexto em geral; - Sua capacidade de narração é realizada com muita clareza e convicção dos fatos, sendo considerada, em nosso estudo, como ótima.
<b>2 - Demonstrar diferentes emoções para sensibilizar.</b>	- Demonstra emoções por meio da sua narrativa e usa muito sua expressão facial.

<b>3 - Voz flexível e adequada</b>	- Possui a voz adequada e flexível em suas contações, sua voz é clara e compreensível.
<b>4 – Postura</b>	- Possui uma postura adequada. Ela usa mais expressões faciais para as suas contações de histórias.
<b>5 - Usar diferentes artefatos</b>	- Usa artefatos que estão dispostos em seu cenário, em outros episódios apenas faz a narração.
<b>6 - Usar o tempo a seu favor</b>	- No que se refere ao mito e à lenda, o tempo da narração foi aparentemente curto, no conto de fadas, relativamente adequado.
<b>7 - Planejamento e preparo</b>	- Evidente e adequado o planejamento da atividade e preparo.

**Fonte: elaborado pela autora**

A seguir, trazemos uma discussão sobre o Quadro 8, buscando fundamentos que confirmem as características da contadora do canal Fafá conta como adequadas frente ao que é dito pelos estudiosos do tema.

Com base nas análises dos episódios selecionados do canal Fafá conta, fica claro que a contadora tem uma ótima capacidade narrativa, com conhecimento adequado sobre a história, seus personagens e o contextos nos quais a narrativa acontece. Sua narração é realizada com muita clareza e convicção dos fatos.

A contadora utiliza um recurso muito atrativo: a antena captadora de histórias, uma presilha de cabelo, confeccionada em papel, com o formato de uma antena, que Fafá usa para atrair histórias. Assim, ela coloca a mão nessa antena e diz: “Antena que pro céu aponta, capte uma história que a Fafá conta”. Nos episódios analisados, podemos perceber pequenos vídeos de crianças repetindo a mesma fala da contadora, a sua senha mágica, para que o era uma vez entre em cena e faça o mundo do faz de conta acontecer na imaginação das crianças seguidoras de seu canal.



**Fonte: Imagens da plataforma Youtube**

A imaginação não é algo plural, trata-se de um instrumento particular e singular, embora possa ter certas semelhanças em alguns detalhes. Mas, isso vai acontecer somente se, ao início de uma narrativa, forem realizados comandos descritivos pelo contador. As histórias conduzem o ouvinte às mais diversas paisagens e não há um limite para isso. Uma boa narrativa pode levar ao fundo do mar, acima das nuvens, a países distantes, ao futuro e ao passado (DOHME, 2013, p. 26).

Considerando o aspecto emocional, fica evidente que Fafá é uma contadora autêntica, que emprega suas emoções ao contar as histórias. Isso favorece o estabelecimento de um vínculo com sua audiência, as crianças. Isso ocorre porque as emoções são fundamentais nesse processo de prender a atenção e ativar a imaginação dessa faixa etária.

Destacamos, dentre as três histórias analisadas de Fafá, a Bela Adormecida, que foi narrada de forma integral, trazendo todo o seu potencial literário. Abramovich (1989) destaca os contos de fadas e todo o potencial desse gênero. De acordo com a autora, eles estão envolvidos no maravilhoso universo da fantasia: partem sempre de uma situação real, concreta, veiculando emoções que qualquer criança já viveu ou poderá viver. As intrigas conduzem a uma realidade familiar, centrada na família e em seus conflitos. Os personagens são simples e são colocados diante de situações diferentes nas quais precisam buscar e encontrar respostas de importância fundamental.

As narrativas fazem a criança deparar-se com dificuldades e vencer obstáculos, convidam-na a cumprir o ciclo de “provação e superação de um problema, em busca de amadurecimento. Todo esse processo é vivido por meio da fantasia, do imaginário, com a intervenção de entidades fantásticas” (ABRAMOVICH, 1989, p. 120).

A voz da contadora, outro item analisado, trouxe diferentes entonações no decorrer das histórias. Embora sua voz não mude para cada personagem, o timbre da sua voz demonstra todos os sentimentos que as histórias buscam expor. A sua postura trouxe muitas expressões faciais que deram vigor para a história, assim, Fafá atuou de forma sublime. Nas palavras de Busatto (2021, p. 09), “o contador de história empresta [...], sua voz e seus afetos ao texto que ela narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado”.

Quanto aos artefatos utilizados nos episódios, a contadora usa peças confeccionadas de tecidos. Em Macunaíma, por exemplo, foram usados artefatos que representavam o sol e a lua. Além dessas, outras peças também fizeram parte da contação: um artefato aparentava ser a cabeça do guerreiro, com detalhes feitos de tecidos coloridos nos olhos, na boca e na cabeça, a árvore de todos os frutos e a pedra foram confeccionadas da mesma maneira. Também foi utilizado um material feito de tecido representando Iara, que estava disposto em seu cenário.

Nesse sentido, o trabalho de Fafá se mostra adequado ao que Busatto (2012, p. 78) descreve:

O importante é que o uso dos objetos não esclareça tudo, mas sim que a imaginação se encarregue de modificar as formas. O essencial, numa narrativa, é não perder de vista que ela é útil a quem ouve, justamente por permitir que cada um retire do conto aquilo que necessita e que, a partir dele, se faça um estimulante exercício imaginativo.

O tempo usado pela contadora no canal de Fafá é muito variado. A lenda de Macunaíma e o mito de Iara demandaram um tempo inferior se comparados ao conto de fadas da bela adormecida. Esse último foi narrado na sua totalidade. É possível observar que, em algumas contações, Fafá sintetiza a história para que a contação fique mais curta. Na contação, esse tipo de adequação é permitida, como se vê na afirmação de Sisto (2012, p. 61):

Algumas vezes, é preciso fazer recortes do texto, para torná-lo possível de ser contado, colocando-o numa extensão suportável para o espectador. Essa

‘montagem’ do texto, visando sua apresentação oral, não pode ferir o entendimento do texto nem o estilo do autor.

Fafá, como gosta de ser chamada, demonstra uma familiaridade muito ampla em relação ao universo das contações de histórias. Ao analisar os episódios, é possível observar que, mesmo na sua singularidade, ela utiliza muito a própria expressão facial. Embora não mude o tom de voz para caracterizar os diferentes personagens, ela demonstra planejamento e preparo evidentes ao longo da performance, cabendo destacar a afirmação de Abramovich (1994, p. 20):

Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais [...].

Considerando o que foi descrito até aqui, fica evidente que Fafá tem seu trabalho apoiado em estudos teóricos que respaldam a qualidade de suas performances no canal.

#### 4.3.3 A contadora do canal Carol Levy histórias para dormir

Esta análise foi realizada considerando-se, principalmente, os três episódios do Quadro 9.

**Quadro 9 - Histórias analisadas do canal Carol Levy histórias para dormir**

Título do vídeo	Gênero literário	Visualizações/ <i>likes</i>	Tempo	Data de publicação do episódio
<b>O paraíso dos gatos</b>	Conto	18.000/ 454	6 minutos e 3 segundos	16 de ago. de 2019
<b>Chapeuzinho vermelho</b>	Conto de fadas	252.000/ 4,4 mil	9 minutos e 5 segundos	07 de abr. de 2018
<b>Até as princesas soltam pum</b>	Conto	405.000/ 2,6 mil	5 minutos e 53 segundos	05 de jul. de 2011

**Fonte: elaborado pela autora**

**Quadro 10 - A contadora de histórias Carol Levy**

<b>Características: ter e saber</b>	<b>Contadora</b>
<b>1 - Conhecimento aprofundado da história, personagens e contexto e boa capacidade de narração</b>	- Tem bom conhecimento da história, de seus personagens e contextos. Sua narração foi excelente, adequada, clara e empolgante.
<b>2 - Demonstrar diferentes emoções para sensibilizar</b>	- Usou expressões faciais e diferentes vozes. Sua entonação de voz mudava quando a história possuía momentos mais assustadores e a cada mudança de personagens, trazendo emoções que sensibilizam os ouvintes.
<b>3 - Voz flexível e adequada</b>	- Narrou de forma que houve mudança a cada personagem. Por vezes, sua voz foi doce, quando o papel assim pediu, e rouca e agressiva, nos personagens monstruosos. Houve muita emoção em sua voz.
<b>4 - Postura</b>	- Possui uma postura adequada, usa as expressões faciais, corporais e sua voz para a sua narração.
<b>5 - Usar diferentes artefatos</b>	- Apresentou fantoches para contar a história; - Foram usadas imagens multimídia que apareceram conforme a contadora relatava a história.
<b>6 - Usar o tempo a seu favor</b>	- O tempo foi adequado para o entendimento da história, nem longo demais que se pudesse cansar os ouvintes e nem rápido demais que deixasse dúvidas.
<b>7 - Planejamento e preparo</b>	- Conduziu de forma evidente e efetiva o planejamento e preparo das suas atividades.

**Fonte: elaborado pela autora**

A seguir, trazemos uma discussão sobre o Quadro 10, buscando evidências que comprovem as características da contadora do canal Carol Levy, como adequadas frente ao que é dito pelos estudiosos do tema.

Com base nas análises dos episódios selecionados do canal Carol Levy histórias para dormir, ficou claro que a contadora possui uma excelente capacidade narrativa, com conhecimento adequado sobre as histórias, seus personagens e o contextos nos



quais as narrativas acontecem. Sua narração é realizada com excelência, entusiasmo e clareza.

Celso Sisto, escritor brasileiro, ilustrador, ator, especialista em literatura infantil e juvenil e, ainda, ele próprio, contador de histórias, define o que seria um bom contador:

O contador de histórias é um todo orgânico que se expressa pela voz, pelo corpo e pelas expressões faciais, como resultado de um estímulo que tem sua raiz no texto contado, mas previamente elaborado em termos de imagens, ritmo, movimentos, memória, emoção, silêncios e treinamentos (SISTO, 2005, p. 101).

Dentre as emoções que as histórias suscitaram, em relação a narrativa da contadora, podemos notar que o suspense foi uma das mais percebidas no conto O Paraíso dos gatos. Havia um mistério contido na fala da contadora, o que gerou muita expectativa para o desfecho final da história.

No entanto, no conto de fadas Chapeuzinho Vermelho, podemos perceber foram trazidos sentimentos que puderam levar aos ouvintes um aprendizado de valores familiares e de triunfo perante as dificuldades da vida. Vale ressaltar que as histórias são capazes de promover na criança diversos valores afetivos, tais como: honestidade, alegria, amor, compartilhamento, coragem, justiça, respeito, lealdade, tolerância, entre outros. É necessário, ainda, enfatizar os valores cognitivos como o caráter, o raciocínio, a imaginação, a criatividade, o senso crítico e a disciplina, dentre outros essenciais para a formação de um cidadão consciente (DOHME, 2013).

A voz da contadora foi usada de forma dinâmica, uma voz foi criada para cada personagem, trazendo, assim, mais veracidade para as histórias. Além das diferentes vozes, suas expressões faciais e corporais foram muito bem exploradas, seu corpo manteve-se em movimento por toda a narrativa, o que tornou sua postura algo muito cativante. Nas palavras de Busatto (2021, p. 09): “O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente e nos convence que aquilo existe”.

Com relação à postura tomada pela contadora, percebemos que ela usou expressões faciais, corporais, além da troca de vozes, como já foi mencionado anteriormente. Um bom contador de história é um todo: corpo, voz, emoção.

Os artefatos usados no conto Paraíso dos gatos, foram confeccionados pelos inscritos do canal. Tratam-se de desenhos feitos pelas crianças que foram enviados para

a contadora. Essas imagens foram editadas e apareceram no vídeo da história, tornando-se, assim, parte do conto, ou seja, um artefato.



**Fonte: Vídeos da plataforma *Youtube***

Essa interação entre a contadora de história e seus inscritos, valorizando os desenhos e editando-os para que possam fazer parte das histórias, provavelmente fará com que as crianças se identifiquem ainda mais com as histórias contadas e queiram ouvi-las mais vezes, pois também são protagonistas dessa narração.

Para contar histórias, é necessário criar um universo de encantamento que permita aos ouvintes entrarem no maravilhoso mundo do “era uma vez”, despertando suspense e diversas outras emoções. O texto e os personagens ganham vida e, dessa forma, o uso de artefatos fará com que os ouvintes possam sentir todas as emoções que as histórias querem contar.

Dohme (2013, p. 48) afirma que

[...] existe uma série de recursos que permitem às crianças viajarem no maravilhoso mundo da fantasia, reservado, em sua magnitude, exclusivamente a elas. Para nós, adultos, resta a oportunidade, quase um dever, de transportá-las a estas emoções.

O tempo usado pela contadora foi adequado, assim como o seu planejamento e preparo. Toda a contação de história aconteceu em um tempo, cenário, figurino e narrativa que estava de acordo com a teoria estudada nesta pesquisa.

Busatto (2012) afirma que se desejamos que a narrativa atinja toda sua potencialidade é necessário narrar com o coração, pois primeiro o conto deve sensibilizar o narrador e, em seguida, o ouvinte, não importa se o contador vai narrar para uma ou mais crianças, o envolvimento afetivo com a história narrada possibilita maior entrosamento ao narrador. Além disso, o narrador terá maior visão da compreensão dos ouvintes e, assim, terá condições de conduzir a narrativa alcançando as demandas. Sendo assim, Busatto (2012, p. 47-48) afirma:

Antes de sensibilizar o ouvinte, o conto precisa sensibilizar o contador. A maneira como enxergamos o conto será a mesma maneira com que o outro irá vê-lo. Se o considerarmos uma mera distração e entretenimento, será assim que ele irá soar; porém, se acreditarmos que ele pode ser uma pequena luz lançada no nosso caminho, ele será ouvido como tal.

Diante do exposto, no que diz respeito às três contadoras de histórias analisadas neste estudo, podemos entender algumas semelhanças e diferenças existentes entre elas.

A contadora do canal Varal de histórias, Juçara Batichoti, e Flávia Scherner, do canal Fafá conta, são atrizes e têm como profissão a contação de histórias. Já Carol Levy é cantora e, também, contadora de histórias. Todas fazem parte do universo artístico e possuem uma excelente capacidade narrativa no exercício de suas profissões.

Ao realizar uma comparação na produção de seus cenários, artefatos, entonações de vozes e figurinos usados pelas contadoras, podemos perceber algumas diferenças entre as contadoras.

Juçara Batichoti, em seus três episódios analisados, fez uso de artefatos em todas as histórias. Seu cenário, embora singelo, traz muitas cores nos diferentes figurinos usados pela contadora. Seus fantoches trazem vida às contações de histórias juntamente com as diferentes vozes utilizadas na narrativa.

Flávia Scherner, do canal Fafá conta, já tem outra postura em relação aos seus artefatos usados em suas narrações, pois seus instrumentos são geralmente feitos de tecidos. Em dois dos episódios analisados, seu cenário é constituído por uma estante ao fundo em que esses objetos de tecido ficam expostos e dos quais a contadora faz uso quando a história solicita. Tiras de tecidos podem virar círculos que nos remetem ao sol, uma almofada em formato oval transforma-se em uma cabeça de um guerreiro e, assim,

Fafá vai estimulando a imaginação de seus ouvintes com seus artefatos de modelos singulares.

A contadora não usa figurinos que apontem relação com as histórias narradas, porém sempre faz uso da sua antena captadora de histórias, similar a um acessório de cabelo, confeccionada em papel. Fafá não cria vozes para os personagens das histórias, mas faz entonações que trazem toda a emoção nas suas narrativas.

Carol Levy, por sua vez, exibe sua própria personalidade em seu canal. Em um de seus episódios analisados neste estudo, demonstrou o uso de imagens multimídia, já em outro episódio usou fantoches e objetos para demonstrar os personagens da narrativa e, em outro vídeo, apenas narrou a história. Sua diversidade no ato de contar histórias é inusitada a cada episódio analisado.

A contadora faz o uso de inúmeras vozes, pois cada personagem possui sua própria voz, o que traz mais veracidade para seus contos. Seus figurinos não fazem relação com as histórias, porém Carol possui um saco de contar histórias que usa para invocar seus contos ao gritar saco adentro, fazendo surgir, dessa forma, uma nova narrativa para contar.

Essas são as três contadoras de histórias observadas neste estudo, cada qual na sua singularidade, buscando, com as CHs, conquistar novos admiradores de literatura e novos leitores e, ainda, possivelmente, aprimorar as capacidades de linguagens, tema desenvolvido no próximo tópico.

#### **4.3.4 Os canais de CHs contribuem para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças fomentando a formação de jovens leitores?**

Para proceder às análises dos canais, com o intuito de verificar se as CHs analisadas contribuem para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças e, conseqüentemente, fomentam ou promovem a formação de leitores, é pertinente lembrar que o ISD é a ciência do humano. O ISD considera que a linguagem e a ação estão intimamente ligadas, pois as coisas de nosso mundo são realizadas pela linguagem.

Neste estudo, a CH foi caracterizada como um gênero textual específico. No caso da CH no meio digital, é possível afirmar que, apesar de ser bastante semelhante à presencial ou síncrona, apresenta algumas características diferentes.

### Quadro 11 - Diferenças entre CHs presenciais e online

Contação de histórias presenciais	Contação de histórias online
- Há interação entre o contador e sua audiência em tempo real.	- Não há interação entre o contador e sua audiência em tempo real.
- Promove a interação de um grupo menor, porém, com possíveis questionamentos em relação às narrativas.	- Pode haver a socialização através dos comentários dos inscritos, porém, essa socialização é apenas online.
- Contribui para o letramento literário e formação do leitor.	- Contribui para letramento literário, letramento digital e formação de leitores.
- Artefatos como fantoches, dedoches, bonecos, podem ser manuseados.	- Artefatos como fantoches, dedoches, bonecos, não podem ser manuseados.
- Alcança um número determinado de ouvintes.	- Pode alcançar inúmeros ouvintes ao mesmo tempo, tanto ao vivo, em uma <i>live</i> , como em um episódio gravado.
- A obra literária narrada pelo/a contador/a, possivelmente poderá ser manuseada pelos ouvintes.	- A obra literária narrada pelo/a contador/a, não poderá ser manuseada pelos ouvintes.

**Fonte: elaborado pela autora**

É pertinente reafirmar que os canais selecionados para análise se destinam a crianças entre 6 e 8 anos. Nessa faixa etária, as crianças estão em fase de alfabetização/letramento, momento em que devem iniciar e consolidar o aprendizado da leitura, de forma geral. Sabemos, contudo, que o letramento é um processo mais complexo e que não finda aos 8 anos, mas segue ao longo da vida do indivíduo.

De forma ampla, é possível afirmar que a CHs no meio digital (CHMD) contribui sobremaneira para o desenvolvimento das capacidades de linguagem da criança, provavelmente de forma semelhante a CHs presencial (CHP) ou síncrona. Essa afirmação se apoia na premissa de que o gênero CH, como atividade de linguagem socialmente construída, que se realiza em práticas sociais, é um instrumento de desenvolvimento humano.

Na perspectiva do ISD, a CH, como gênero , é um modo de agir que atribui configuração às atividades de interação (CRISTÓVÃO, 2013, p. 363) e tem papel fundamental na produção de linguagem. Assim, embora, a CHMD não tenha o propósito de ensinar os gêneros (conto de fada, fábula, lenda, entre

outros), o contato com esses gêneros, de forma recorrente, facilita essa apropriação das características pela criança. Por isso, não é incomum perceber que a criança que ainda não lê reproduza histórias orais ou conte histórias que tenha ouvido, mesmo que apenas uma vez.

Dessa forma, retomamos o conceito de capacidades de linguagem de Dolz, Pasquier e Bronckart (1993, p. 30), como “aptidões requeridas para a realização de um texto numa situação de interação determinada”. Essa definição reforça nosso argumento de que a exposição constante à CHMD proporciona à criança, principalmente, o desenvolvimento das capacidades de ação, pois

[...] capacidades de ação se constituem pela faculdade/possibilidade da pessoa construir conhecimentos e/ou representações sobre o contexto de produção de um texto o que pode contribuir para o seu reconhecimento do gênero e sua adequação à situação de comunicação (CRISTÓVÃO, 2013, p. 368).

Cabe destacar que, provavelmente, a CH está entre o grupo de gêneros com os quais a criança tem contato desde muito cedo. Desde que ela inicia uma maior interação com os adultos, ela ouve histórias. Por outro lado, o avanço da tecnologia trouxe vários gêneros novos para a realidade dos indivíduos, o que não seria diferente com as crianças. Porém, em muitas situações, os gêneros no meio digital podem substituir, ou acabar substituindo, a interação presencial ou, como neste caso, a CH por um membro da família ou até mesmo pelo professor.

Não foi o propósito deste estudo avaliar a pertinência da CHMD em comparação ou detrimento do presencial. Contudo, os resultados desta análise evidenciam que a CHMD tem potencial importante para desenvolver as CL da criança, além de se apresentar como potencial ferramenta pedagógica e/ou de formação, tópico que será discutido posteriormente.

No episódio analisado de “O Sapo e a Flor”, do canal Varal de histórias, Juçara Batichoti traz, na sua narrativa, uma situação que remete os ouvintes ao preconceito de imagem, ou seja, nesse episódio, a flor não queria ser amiga do sapo pelo simples fato de que, em sua concepção, o sapo seria uma figura feia. Toda essa trama foi contada usando diferentes entonações que trouxeram emoções fortes para a narrativa. Pode-se sentir, através da voz da contadora, a indiferença da rosa e a tristeza do sapo. Isso traz, aos ouvintes dessa fábula, uma inquietação diante da atitude da personagem da flor e,

por consequência, o ensinamento de que tal atitude não é adequada. A fábula proporciona que a criança imagine ou fantasie situações próximas à vida real e de situações de comunicação que a criança vivencia. Entendemos que, ao ouvir uma fábula, a criança está sendo instigada a desenvolver suas capacidades de ação.

Da mesma forma, na contação de “Quem pegou minhas pintas”, Juçara Baticochi utiliza o recurso do questionamento aos ouvintes ao longo da história. Com isso, é provável que esses questionamentos instiguem o pensamento da criança e promovam a vontade de respondê-los. Para responder, elas precisam elaborar, mesmo que mentalmente, sua resposta. Dessa forma, fica evidente que a CHMD potencializa as CA da criança.

No episódio “Até as princesas soltam pum”, de Carol Levy, também há evidências de que as CA sejam desenvolvidas. Isso acontece porque a criança ouvinte está em fase de desenvolvimento cognitivo e físico. Essa temática pode, provavelmente, estar presente nas rodas de conversa, em momentos de diálogos sobre o tema, e é possível que, através da CHMD, a criança desenvolva, mesmo que em pensamentos, hipóteses sobre tal assunto e vir a evitar quaisquer tipos de constrangimento.

É a partir dessa escuta das CHs que as crianças irão conhecer novos mundos e realidades diferentes das quais estão acostumadas a vivenciar. A linguagem, de forma geral, irá se expandir de forma rápida e, conseqüentemente, as CA também poderão ser desenvolvidas da mesma forma. Além disso, as crianças ouvintes poderão, através das CHs, apropriar-se de um novo olhar, de uma nova maneira de pensar e de aprender.

Nas palavras de Abramovich (1997, p. 17):

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

No estudo das capacidades discursivas, que possibilitam a escolha de um tipo de discurso para realizar uma determinada ação de linguagem e que, no conceito de Cristovão (2013, p. 368), “[...] possibilitam a mobilização de conhecimentos e/ou representações sobre a organização do conteúdo em um texto e sua apresentação”, temos as seguintes análises.

Com relação às escolhas desses discursos que os sujeitos em formação irão fazer no momento de realizar uma prática languageira, as CD provavelmente poderão ser

desenvolvidas através da CHMD da história de “O Sapo e a Flor”, já que ensina que não devemos julgar as pessoas pela aparência, motivo pelo qual a Flor foi injusta com o Sapo ao observar apenas a sua imagem. Provavelmente, as crianças, quando inseridas numa mesma situação de injustiça social, buscarão usar as CD para resolver essa questão da vida cotidiana, uma vez que as CD se constituem de escolha do enunciado e da organização de um texto. Os sujeitos fazem escolhas de quais tipos de discurso irão preferir para realizar uma prática de linguagem e, assim, poderem argumentar em casos específicos, como o relatado acima.

Na CH “Quem roubou minhas pintas”, narrada por Juçara Batichot, os personagens utilizam a argumentação para o pedido de auxílio. Nesse sentido, a repetição de estratégia de argumentação será útil para as crianças. Assim, é possível que essas estratégias argumentativas sejam incorporadas pelas crianças em seus discursos.

Ao entrar em contato com os textos literários, as crianças terão mais chances de desenvolver as CD de forma progressiva e, quanto mais a literatura for ofertada, maior serão as chances de se estabelecer correlações entre as escutas das CHs e os possíveis discursos desenvolvidos por meio dessas histórias.

Essa constatação é reforçada pelas palavras de Cademartori (2010, p. 36), que afirma:

É através da história que a dimensão simbólica da linguagem é experimentada em conjunção com o imaginário e o real. Ao se identificar com o personagem ou com os contos de fadas, a criança passa a querer ouvi-lo várias vezes por se identificar com a personagem ou com algo semelhante ao que vive naquele momento, sendo este o motivo para se trabalhar histórias que abordam temas do cotidiano como a morte, laços familiares desfeitos e outros conflitos que falam de desenvolvimento.

As CLDs são ações de coerência e coesão textual que decorrem da escolha adequada tanto dos mecanismos enunciativos quanto dos de textualização no uso da língua em questão. Cristóvão (2013, p. 368) afirma que “as capacidades linguístico-discursivas se constituem por conhecimentos e/ou representações que um indivíduo constrói sobre as operações e os recursos de linguagem necessários para a produção ou compreensão de um texto”.

Sobre os estudos dos prováveis desenvolvimentos das CLD nas escutas dos episódios analisados, podemos verificar que elas podem vir a ser desenvolvidas nas CHMD feitas por Juçara Batichoti, principalmente em uma delas, “Os três porquinhos”, já que a história tem como objetivo trazer ensinamentos de lições de moral.



Na afirmativa de Bettelheim (2020, p. 61)

Histórias como Os três porquinhos são muito mais prestigiadas pelas crianças do que os contos realistas, particularmente se são apresentadas com sentimento pelo narrador. As crianças ficam fascinadas quando o bufar e o soprar do lobo na porta dos porquinhos são representados para elas. Os três porquinhos ensinam à criança pequenina, da forma mais saborosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer.

Nesse sentido podemos entender que, na escuta, as crianças, em relação a esse tipo de gênero textual, possivelmente poderão desenvolver as CLD, construindo, assim, seus conhecimentos sobre a compreensão dos textos narrados e a escrita de posteriores textos escritos.

Nas CHs do canal Fafá conta, analisamos três episódios: um conto de fadas, um mito e uma lenda. No que se refere ao desenvolvimento das CLD nestes episódios, podemos notar que o conto de fadas “A Bela adormecida” possui um grande potencial sobre essa capacidade, pois poderá construir conhecimentos e/ou representações para compreensão dos textos, pois, como afirma Bettelheim (2020, p. 67), “uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua”.

No estudo das CM, que surgiram na ampliação dos estudos das CL, com o intuito de fornecer aspectos ideológicos e multimodais às capacidades em questão, busca-se o desenvolvimento das habilidades em relação à compreensão de imagens, formas e desenhos.

Em nossas análises, podemos perceber que as três contadoras fizeram uso de algum tipo de artefato ou de imagens para a realização de suas contações. Assim, tais capacidades possivelmente poderão ser desenvolvidas diante dessa prática. A seguir, apresentaremos alguns exemplos ocorridos nos episódios analisados neste estudo.

Na contação de história de “O Sapo e a Flor”, do canal Varal de histórias, o cenário foi construído a partir das figuras concretas dos personagens do sapo, da flor e do gafanhoto. São imagens concretas, usadas pela contadora para melhor entendimento do seu público. Assim sendo, as CM poderão, eventualmente, ser desenvolvidas devido aos artefatos usados nessa contação de história, uma vez que as CM têm como propósito compreender imagens, formas e desenhos.

Com relação à análise das CL da história “O paraíso dos gatos”, do canal de Carol Levy, possivelmente as crianças poderão desenvolver as CM devido ao pedido

feito pela contadora de histórias que pediu aos seus inscritos para que enviassem desenhos para o seu canal. Foram observados, no início desse episódio, alguns desenhos enviados por diferentes crianças que acompanham o canal da contadora. Esses desenhos, por sua vez, representam objetos, animais e personagens da história em questão, demonstrando, assim, que alguns telespectadores que enviaram os desenhos já desenvolveram as capacidades multissemióticas do conto citado acima.

Na análise realizada sobre os episódios escolhidos do canal Fafá conta, podemos verificar que a contadora não usou artefatos concretos tais como imagens, fantoches ou algo semelhante aos personagens das histórias narradas. A contadora faz uso de artefatos de tecidos como almofadas em forma de cabeça de guerreiro, na lenda de Macunaíma, e de uma sereia em seu cenário, também confeccionada de tecido, quando narra a história de Iara.

Quando uma criança consegue fazer a leitura de um desenho ou de uma imagem, ela automaticamente está desenvolvendo a sua CM.

Na visão de Sisto (2020, p. 32),

[...] ler é também ir além da capa e do título. É ler imagens, dentro e fora dos livros. Descobrir outra dimensão da palavra. Ler jornal porque informa; ler quadrinhos, porque diverte; ler poesia, porque aponta o sentido do belo; ler placas, sinais, bulas de remédios, porque orientam; ler o filme, porque é bom mesmo e tem movimento, e tem cor e humor e romantismo e lugares desconhecidos e gente tão diferente; ler o livro porque, além de tudo, pode-se voltar quando se quer e ler de novo, e sublinhar aquela frase marcante, e discutir com os amigos, e carregar para todo o lugar, e ficar pensando, aumentando, transferindo, criando junto.

Cristóvão e Stutz (2011, p. 22-23) discorrem sobre oito capacidades de significação, afirmando que

as capacidades de significação (CS) possibilitam ao indivíduo construir através das representações e/ou conhecimentos sobre as práticas sociais (contexto ideológico, histórico, sociocultural, econômico etc.) que envolvem esferas de atividade, atividades praxiológicas em interação com os conteúdos temático de diferentes experiências humanas e suas relações com as atividades de linguagem. Os critérios para análise compreendem:

- (1CS) Compreender a relação entre texto e a forma de ser, pensar, agir de quem os produz;
- (2CS) Construir mapas semânticos;
- (3CS) Engajar-se em atividades de linguagem;
- (4CS) Compreender conjuntos de pré-construídos coletivos;
- (5CS) Relacionar os aspectos macro com sua realidade;
- (6CS) Compreender as imbricações entre atividades praxiológicas e de linguagem;
- (7CS) (Re)conhecer a sócio-histórica do gênero;
- (8CS) Posicionar-se sobre relações textos-contextos.

Diante dessa descrição das CS, nossa compreensão é a de que o gênero CH tem grande potencial para contribuir com o desenvolvimento dessas capacidades de linguagem. O contato da criança com esse gênero irá possibilitar ativamente a construção de representações e/ou conhecimentos sobre diferentes práticas sociais.

Não nos cabe distinguir as CS separadamente. Embora as autoras façam essa distinção, todas as CS compõem uma única.

Quando a criança escuta uma história, ela recebe uma opinião sobre o tema lido que pode confirmar ou se contrapor àquilo que ela já sabe ou que imaginava saber. Por isso, essa escuta relacionada às CHs pode vir a estimular a cognição e o desenvolvimento social desde a mais tenra infância. Quanto mais histórias a criança ouvir, mais ela amplia sua visão de mundo e estimula seu senso crítico sobre variados assuntos.

A contação de história pode contribuir para que a criança entenda seus sentimentos e construa hipóteses sobre o agir diante de diferentes situações, ao estabelecer relações com as histórias ouvidas e as situações vividas na vida real, podendo desenvolver assim a CS1.

Nas CS6 e CS8, outros desenvolvimentos possivelmente acontecerão devido ao desfecho que a história “O sapo e a flor”, do canal Varal de histórias, trouxe, ou seja, a flor, devido a sua indelicadeza diante do sapo, quase perdeu a própria vida. Dessa forma, as crianças podem vir a entender que as ações dos indivíduos possuem consequências e que devemos sempre buscar ações que beneficiem a sociedade como um todo e não o oposto disto.

Em relação ao canal Fafá conta, no episódio da lenda de Macunaíma, observamos que poderão ser desenvolvidas as CS devido às atitudes tomadas pelo guerreiro no decorrer da história, pois ele tinha seu modo de ser: protetor, forte, guerreiro. Além disso, tinha como objetivo de vida cuidar de sua tribo, amava seu povo e fazia de tudo pelo melhor de todos. Apesar disso, seu povo não foi grato ao herói e agiu com ganância frente ao guerreiro, decepcionando-o muito, fazendo com que o castigo fosse a resposta de Macunaíma para seu povo, nascendo assim a lenda.

Essa lenda, narrada por Flávia Scherner, trouxe a mensagem de que a ganância, a falta de respeito com o outro e com a natureza só trazem disputas e conflitos para um povo. Sendo assim, ao apresentar para as crianças os gêneros textuais dessa linha, ou até

mesmo quando as crianças forem colocadas em situações semelhantes, possivelmente desenvolvam CS tais como as CS6 e CS8.

No conto de fadas “A Bela adormecida”, do canal Fafá conta, eventualmente os ouvintes poderão desenvolver a CS7, que discorre sobre o reconhecimento da sócio-histórica do gênero. Ou seja, devido ao uso das expressões usadas neste gênero tais como “era uma vez”, “em um mundo muito distante”, “viveram felizes para sempre”, geralmente utilizadas em contos de fadas, os ouvintes poderão criar hipóteses e fazer associações em futuras escutas do mesmo segmento quando colocados novamente sob a mesma audição.

No conto “O paraíso dos gatos”, do canal de Carol Levy, no qual a contadora relata que o bem sempre vence o mau, a personagem da menina Yokico é recompensada pelo imenso amor que sente pelos gatos, enquanto sua patroa é castigada e obrigada a trabalhar por toda a eternidade para os felinos, os quais sempre maltratou. A história nos remete à compreensão de que, possivelmente, haja evidências de que as CS1, CS3, CS6 e CS8 poderão ser desenvolvidas, devido ao modo de sentir da protagonista Yokico, no que se refere à CS1, ao entendimento do conto e sua visão do todo, no que se refere à CS3, e às consequências das ações que cada indivíduo provoca através de seus discursos e ações com relação aos textos e contextos em que atuam mediante as CS6 e CS8.

No conto, “Até as princesas soltam pum”, que nos remete às causas e consequências das ações dos indivíduos que trazem benefícios à sociedade como um todo, sobre o qual analisamos as CS, percebemos que as CS6 e CS8 trazem evidências de serem desenvolvidas.

Podemos observar, da mesma forma, que esse conto possivelmente poderá desenvolver nas crianças um outro olhar sobre a maneira como nosso organismo trabalha para digerir os alimentos, tema constrangedor nas rodas de conversa entre os pares. Caso a CS3 seja desenvolvida, ou seja, se os ouvintes possuírem um olhar holístico para a história, o assunto, possivelmente, deixará de ser algo tão perturbante entre as crianças, pois se até as princesas soltam pum e continuam maravilhosas, nós, simples seres humanos, não seremos executados por isso. Conforme Abramovich (2005, p. 17), é necessário “ler histórias para crianças sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever do autor [...]”.

Desde muito cedo, interagindo com os adultos e com outras crianças de mais idade, a criança ouve histórias, e é assim que inicia seu desenvolvimento social e

cognitivo, pela socialização com o meio. Essa interação faz com que a criança aprenda a fazer a leitura do mundo ao seu redor. Nas palavras de Freire (1989, p. 09), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, sendo assim, muito antes de aprender a ler, a criança aprende a ouvir as histórias e o mundo ao seu redor, criando hipóteses e conhecendo e reconhecendo gêneros sócio-históricos e, conseqüentemente, desenvolvendo as CL.

#### **4.4 Implicações pedagógicas**

A contação de histórias é aprendizagem, resgate de memória, incentivo à imaginação. A leitura é um processo educativo que humaniza, sendo capaz de compartilhar conhecimentos e dar sentido à vida.

A contação de histórias é a prática de contar em voz alta uma narrativa, utilizando-se ou não de artefatos lúdicos para esse processo. Esse contar histórias pode vir envolto em forma de fábulas, de contos de fadas, de mitos e de lendas e abrange todo o encantamento e magia do “era uma vez”, o que também permite que as crianças ouvintes dessas narrativas iniciem os processos de construção de suas identidades sociais e culturais, dentre outros tantos conhecimentos.

A arte de contar histórias, realizada por um bom contador (a), tem a capacidade de desenvolver em seus pequenos ouvintes suas habilidades cognitivas, uma vez que a escuta atenta para as histórias também contribui para o desenvolvimento da linguagem, fazendo refletir no universo de significados que a criança desenvolve através de sua escuta. Nas palavras de Busatto (2003, p. 10), “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”.

Atualmente, as contações de histórias modificaram-se, abrangendo processos mais amplos nos quais o espaço presencial cedeu espaço para a coletividade global. Dessa maneira, novas formas, técnicas e artefatos fizeram-se necessários.

A contação de histórias no meio digital é um gênero novo que surgiu com o avanço das tecnologias e foi potencializada com a pandemia. De forma geral, a CH é um gênero que está presente na vida da criança, seja na escola ou na família, com professores e familiares, formal ou informalmente, desempenhando o papel de contadores de histórias.

Porém, com este estudo, fica evidente que se a contação de histórias for usada como instrumento pedagógico na escola, ela demandará preparação, planejamento e empenho por parte do professor.

Esta investigação deixou claro que muitos canais que se dedicam às CHs se profissionalizaram e são um negócio para quem oferece o serviço. Diante disso, decorre a pergunta: que implicações pedagógicas emergem, portanto, deste estudo? Em outras palavras, este estudo pode trazer alguma contribuição para os professores/educadores que já se dedicam à contação de histórias para seus alunos no contexto escolar?

Primeiramente, fica claro que a contação de histórias deve fazer parte da formação do professor, do pedagogo. Portanto, é necessário que os cursos de formação de professores, em especial a Pedagogia, qualifique esse processo na matriz do curso, tanto em termos teóricos quanto práticos.

Além dos estudos sobre a importância da CH para o desenvolvimento infantil e de seu valor fundamental para a formação de novos leitores, fica evidente que os estudos sobre o ISD são bastante relevantes, uma vez que a pedagogia estuda também o desenvolvimento da criança por meio da teoria de Vygotsky, no que se refere a socialização do ser humano, porém, não podemos deixar de compreender que tal socialização se dá através da linguagem.

Assim, o ISD tem linha direta com os estudos da ciência da pedagogia, uma vez que:

O ISD é uma corrente que converge com o interacionismo social. Nesta vertente, o desenvolvimento humano ocorre numa perspectiva dialética e histórica, fato que enfatiza a formação e o desenvolvimento do ser humano imbricado ao processo de socialização. Baseia-se no materialismo histórico-dialético, como em Vygotsky, por exemplo, para explicar o desenvolvimento humano, considerando que este está relacionado às condições sociais e históricas nas quais vivemos [...]. (MAGALHÃES; CRISTÓVÃO, 2018, p. 23).

Além disso, o trabalho do pedagogo é apresentar para as crianças os gêneros textuais que irão utilizar em suas vivências cotidianas para se comunicarem através de textos orais e escritos com o passar do tempo.

Todo esse conhecimento de gêneros textuais, que as crianças utilizarão nas interações de linguagem, são conhecimentos adquiridos no decorrer das vivências aos quais esses indivíduos serão expostos. A escola, com seus professores, é um grande

aliado na aprendizagem de vários gêneros textuais que serão apresentados conforme o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

Os gêneros de textos integram as atividades de linguagem usadas em situações de coletividade e relação entre os pares. Nas palavras de Cristóvão (2013, p. 363-364), “Lemos, escutamos e produzimos textos como uma forma de participação social no mundo. Questões sociais de natureza cultural, econômica, étnica, entre outras, são manifestadas em nossos textos e interpretadas em nossas relações texto-contexto”.

Em relação aos canais de contação de histórias profissionalizados, a exemplo desses analisados neste estudo, sabemos que eles podem contribuir para a formação dos professores como contadores. Ou seja, o professor pode se valer desses canais para repensar suas práticas, suas habilidades na atividade de contação, bem como com relação às suas próprias capacidades de linguagem. O perfil do professor que usa a CH como abordagem de ensino ou como estratégia pode ser redimensionado, repensado e qualificado a partir de reflexões e outros estudos que envolvam esses canais profissionais.

Os profissionais da área da educação podem capacitar-se e tornarem-se ótimos contadores de história, como também podem buscar, junto aos canais de CHs, excelentes profissionais que fazem desse trabalho uma arte.

Para isso, é necessário planejamento em relação ao objetivo que se quer alcançar, atenção à idade cronológica do público ouvinte, a busca pelo gênero de texto que se deseja desenvolver, para, então, buscar as inúmeras variedades existentes nas plataformas de CHs.

Para Celso Sisto (2012), a escolha da história deve adequar-se aos interesses do público, por isso existe a necessidade de um conhecimento prévio da comunidade a que a história se destina. A história precisa ser bem construída, com características que a identifiquem com um texto literário e que proporcione, a partir de conflitos e soluções, maneiras diversas de questionamentos, reflexões ou debates, mesmo que sejam questionamentos internos e pessoais.

Se os docentes optarem pela CHs, deverão observar muitos pontos, como, por exemplo: procurar narrativas que tragam significação para os ouvintes, além de noções de valores sociais e morais que agreguem ao desenvolvimento socioeducativo para essas crianças. Nas palavras de Sisto (2012, p. 25), “[...] contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e alienação de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum”.

Sendo assim, o contador precisa compreender que o mais importante na história não é o que acontece em si, mas a compreensão essencial, é o não dito, é o que acontece dentro de nós durante a leitura e/ou escuta de uma história. As histórias, ao serem contadas, oferecem intenções que revelam afetos que podem elaborar experiências individuais, auxiliando no processo de autoconhecimento (BUSSATO, 2006, p. 75).

Toda essa interação entre os CHs e os professores poderá trazer um novo olhar diante dessa nova ferramenta pedagógica. Alguns poderão sentir-se motivados a se especializarem na área de contação de histórias infantis, outros aprenderão, junto às contadoras de histórias virtuais, técnicas para tal feito, mas o que mais importa, mesmo, diante de todo este contexto, é que todos poderão usufruir de literaturas encantadoras nos seus mais variados gêneros textuais, inserindo um universo de novos conhecimentos e, quem sabe, a formação de novos leitores.

#### **4.5 As limitações da investigação e perspectivas de estudos futuros**

Toda a pesquisa científica tem suas limitações, pois não é possível dar conta de todos os aspectos que abrangem um fenômeno linguístico, muito embora, o tema tenha sido delimitado.

Uma das limitações importantes deste estudo é que não foi incluída a observação de crianças que assistam, sistematicamente, a canais de CHMD. A observação longitudinal de uma criança poderia configurar-se em um estudo de caso com a finalidade de investigar especificamente o desenvolvimento e a ampliação das capacidades de linguagem. Contudo, o estudo longitudinal, além do tempo maior para a pesquisa, também necessita de, no mínimo, uma criança como participante do estudo.

Nesse sentido, apesar desse aspecto ter sido uma limitação, ele pode configurar-se como uma perspectiva para dar continuidade ao estudo, ampliando suas dimensões. No enquadramento desse estudo, entendemos que o universo das CHs e suas relações com o ISD e com as capacidades de linguagem podem ser um campo fértil para estudos futuros, principalmente no âmbito do desenvolvimento infantil.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi investigar/analisar três canais do *Youtube* voltados à contação de histórias em língua portuguesa, para crianças entre 6 e 8 anos de idade. Para alcançar tal objetivo, a investigação teve como finalidade verificar a contribuição desses canais para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Em vista disto, podemos compreender que o objetivo geral desta pesquisa foi alcançado parcialmente, já que realizamos as investigações dos canais de contações de histórias referidos no nosso objetivo, assim como nos debruçamos sobre a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e suas respectivas capacidades de linguagem.

Porém, como toda a pesquisa científica possui as suas limitações, não foi possível dar conta de todos os aspectos que abrangeram esse fenômeno linguístico. Embora o tema tenha sido delimitado, não podemos afirmar com convicção que as capacidades de linguagem foram desenvolvidas nas crianças através das CHMD. Podemos apenas supor que isso ocorre por meio das análises realizadas sobre os três canais de contação de histórias devido às limitações encontradas no desenvolvimento deste estudo.

Nesse caso, uma das limitações importantes deste estudo foi a falta de inclusão de crianças que assistam regularmente a canais de CHMD. Realizar a observação de uma criança poderia configurar-se como um estudo de caso com a finalidade de investigar especificamente o desenvolvimento e a ampliação das capacidades de linguagem. Contudo, esse tipo de observação levaria muito mais tempo para a pesquisa, algo que não correspondeu ao tempo delimitado permitido para este trabalho.

Nesse sentido, mesmo tendo esse aspecto como uma limitação, podemos levá-lo em conta como uma possibilidade de continuidade do estudo, ampliando suas proporções. No enquadramento desse estudo, entendemos que o universo das CHs e suas relações como o ISD e as capacidades de linguagem podem ser um campo fértil para estudos futuros, principalmente no âmbito do desenvolvimento infantil.

No que se referiu aos objetivos específicos, também buscamos examinar e evidenciar a existência da contribuição teórica que advêm das contações de histórias nos canais selecionados; comparar o que os estudiosos dizem sobre a metodologia da contação de histórias e o que os canais propõem; analisar a abordagem/metodologia

utilizada pelos contadores de histórias e comparar os canais entre si, analisando suas potencialidades e suas fragilidades com base na teoria estudada.

Assim sendo, diante do estudo aqui realizado, podemos compreender que os objetivos específicos foram alcançados, pois foi comparada a metodologia utilizada pelos canais de contação de história com base nos principais autores sobre o tema.

Igualmente foram analisadas a abordagem e a metodologia utilizada pelos contadores de histórias, como, também, foram comparados os canais entre si. Nesse sentido, podemos entender que foram encontradas muitas potencialidades ao relacionar os canais com a teoria estudada, alcançando assim nossos objetivos específicos em questão.

Meu interesse e meus estudos sobre a contação de histórias no universo infantil surgiram, ainda, durante a graduação em Pedagogia. Como pedagoga, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Atendimento Educacional Especializado, Alfabetização e Letramento e Docência no Ensino Superior, entendo a leitura como capacidade fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, pois é a partir dela que as demais capacidades e habilidades do ser humano se desenvolvem. Entendemos, portanto, que a leitura é, então, o alicerce para todas os demais conhecimentos, sendo uma porta para o mundo das possibilidades e do desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

O Capítulo 2, intitulado Linguagem, Leitura e Histórias Infantis, temas em que foram discutidos os pressupostos importantes para organizar e contextualizar a pesquisa, o que remeteu o trabalho às origens e evolução das histórias infantis e da contação de histórias conectadas ao desenvolvimento da linguagem das crianças e a formação de jovens leitores.

Nesse contexto, pressupomos que a linguagem no ser humano, se desenvolve ainda antes do seu nascimento, no ventre materno. Com o desenvolvimento da linguagem, podemos perceber o desenvolvimento da capacidade de leitura de mundo. Da leitura de mundo à leitura da palavra, o ser humano possui, na interação, a chave para seu desenvolvimento, sendo que a qualidade da interação possui muita relação com a leitura que o indivíduo é capaz de fazer.

À medida que se desenvolve, o ser humano passa da leitura de mundo à leitura da palavra, para a qual a primeira é fundamental. A partir daí, ambas passam a se desenvolver juntas. Assim, para o progresso intelectual e/ou cognitivo e social dos

indivíduos, dentre inúmeros aspectos, o aprendizado e o desenvolvimento da leitura é um consenso entre diferentes áreas do conhecimento.

Sendo assim, o ato de ler na infância trará descobertas e, possivelmente, desenvolverá a cognição, promovendo o desenvolvimento da individualidade e da identidade da criança, contribuindo com a capacidade de ter senso crítico, aprimorando, ainda, os sentimentos e a imaginação. É possível afirmar que a leitura é uma necessidade para o ser constituir-se como humano.

Ainda podemos entender, por meio desse capítulo, que é a partir da leitura que a criança conhece novos mundos e diferentes realidades das quais pode, ou não, estar acostumada a vivenciar. A linguagem do leitor, de forma geral, poderá se expandir de forma rápida e, em consequência, melhorar a forma como se expressa oralmente.

O referencial teórico que deu sustentação à pesquisa, o Interacionismo Sociodiscursivo, foi destacado como a principal teoria que serviu para as análises dos canais selecionados. Além disso, foram discutidos os conceitos de gênero textual e as capacidades de linguagem, com base em seus principais autores. Nesse capítulo também foi discutido o perfil do contador de histórias e sua constituição como um bom contador de histórias.

Em relação ao ISD, podemos analisar que essa teoria trabalha diversos questionamentos voltados ao agir e ao desenvolvimento humano, além de estar associado a um processo de socialização mediado pela linguagem entre os pares.

Assim sendo, nessa teoria, em que a socialização e a linguagem se relacionam para o desenvolvimento de diferentes formas de comunicar-se, tanto de forma oral quanto escrita, é que entendemos a importância dos gêneros de textos, linha associada aos estudos do ISD.

A partir desse estudo, algumas dúvidas surgiram: como poderíamos nos comunicar senão através dos diferentes tipos de textos? Teríamos que elaborar um gênero de texto cada vez que quiséssemos nos comunicar de diferentes formas? Diante desse questionamento, entendemos que, para que ocorra a comunicação, é preciso que os indivíduos se utilizem da linguagem juntamente com a interação social, e é nessa interação sócio-histórica que muitos gêneros textuais irão se constituir no decorrer da história.

Assim, entendendo esta forma de reflexão que o ISD nos trouxe, um conjunto de conhecimentos sobre os gêneros foi aprendido e dentre esse conjunto de conhecimentos estão as capacidades de linguagem (CL), vistas como habilidades adquiridas pelos

sujeitos no momento de socialização, desde um diálogo informal até um gênero textual mais complexo como um discurso argumentativo ou uma palestra científica.

Da mesma forma, as capacidades de linguagem nos remeteram a distintos conhecimentos usados em nosso estudo relacionados ao que seria um bom contador de história, protagonista desta pesquisa. Esse personagem foi analisado nesta pesquisa em seus diferentes aspectos: conhecimentos, voz, técnicas, etc. Porém, o que podemos entender sobre estes contadores e sua atividade é que contar histórias vai muito além do ato de ler uma história. Contar uma história, com efetividade, é ter a capacidade de fazer desse momento um momento único, de magia e de encantamento para as crianças.

Para alcançar o objetivo deste estudo, a abordagem utilizada foi a qualitativa, pois a pesquisa foi realizada utilizando-se dos ambientes virtuais como fonte direta de dados, sem alterações intencionais realizadas pelo pesquisador.

Ao analisar três canais de contações de histórias, podemos observar que o objetivo geral deste estudo foi verificar a contribuição desses canais para o desenvolvimento das capacidades de linguagem das crianças, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Preparamos um trabalho bastante produtivo no que se refere ao desenvolvimento das três capacidades de linguagem por meio das CHMD, apesar das suas limitações. No que se refere à capacidade de ação, observamos, nas CHMD, situações em que as narrativas trouxeram diferentes emoções como tristeza, empatia e senso de justiça por meio das vozes das contadoras, o que, provavelmente, trouxe inquietações nos ouvintes, promovendo, assim, momentos de vivências similares às CA.

As capacidades discursivas observadas neste estudo provavelmente foram estimuladas através dos episódios assistidos. pois trouxeram questionamentos, ou seja, a repetição de estratégia de argumentação será útil para as crianças. É possível que essas estratégias argumentativas sejam incorporadas pelas crianças em seus discursos.

Ao entrar em contato com os textos literários, as crianças terão mais chances de desenvolver as CD de forma progressiva e, quanto mais a literatura for ofertada, maior serão as chances de se estabelecer correlações entre a escuta das CHs e os possíveis discursos desenvolvidos através dessas histórias.

A capacidade linguístico-discursiva possivelmente terá potencial para se desenvolver em CHMD no gênero textual contos de fadas, que também foi analisado neste estudo. Esse gênero em questão traz uma visão de mundo reconhecida pelas crianças conforme palavras de autores.

As capacidades multissemióticas serão provavelmente desenvolvidas nas CHMD quando as contadoras de histórias trouxerem artefatos concretos que demonstrem personagens, formas e cores que possam remeter as crianças às imagens narradas em tais histórias.

Foram analisadas oito capacidades de significação e feitas relações entre seus conceitos. Podemos entender que tais capacidades podem ser compreendidas como a representação verbal do mundo aderida ao agir linguageiro de sujeitos em situações de socializações.

Estas capacidades, definidas em oito vertentes descritas pelos seus principais autores, nos trouxeram o entendimento das regras, dos valores e das normas do mundo social, tornando-os objetos de significação. Assim, nas CHMD, demonstramos exemplos de possíveis desenvolvimentos de tais capacidades mediante tais objetos analisados conforme as narrativas das contadoras de histórias.

Os resultados deste estudo podem colaborar com a formação, a qualificação e o aprimoramento de outros pedagogos e educadores em geral que se valem do uso das tecnologias das CHMD para otimizar o ensino. Este estudo pretende, ainda, provocar a discussão e a reflexão sobre a utilização da tecnologia como ferramenta didática para o desenvolvimento infantil, de forma geral.

Assim, essa foi a nossa contação de uma história, realizada de forma científica. O “Era uma vez” dos canais do *Youtube* poderá ser usado em futuros aprendizados, quer eu te conte outra vez?



COELHO, N. N. **A literatura infantil. Teoria - análise - didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

CRISTÓVÃO, V. L. L. **Para uma expansão do conceito de capacidades de linguagem.** In: Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem à Malu Matencio/Luzia Bueno, maria Ângela Paulino Teixeira Lopes, Vera Lúcia Lopes Cristóvão, organizadoras. -1 ed.- Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. - (Série ideias sobre linguagem).

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Tradução Sandra Regina. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; STUTZ, L. **A Construção de uma sequência didática na formação docente inicial de língua inglesa.** Signum: Estudo. Ling., Londrina, n. 14/1, p. 569-589, jun. 2011.

DOLZ, J; PASQUIER, A; BRONCKART, J. P. **A Aquisição do discurso: a emergência de uma competência ou aprendizagem de diferentes capacidades de linguagem?** Nonada: Letras em Revista, 2017, no. 28

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias 1: um guia para desenvolver suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história.** 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ESTABEL, B; MORO, E. L. S. **A Leitura e seus mediadores como inclusão social de PNEEs com limitação visual.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., 2005, São Leopoldo. [Anais...]. São Leopoldo, 2005.

ESTABEL, B; MORO, E. L. S. **Mediadores de leitura na bibliodiversidade / organização Grupo de Pesquisa LEIA– Porto Alegre: Evangraf/ SEAD/UFRGS, 2012. p. 41-64**

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 23ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, E. **O caçador de histórias.** Porto Alegre: Editora: LP & M. 2016.

GONDIM, A. A. L. **Desenvolvimento das capacidades de linguagem através das atividades dos livros didáticos de português língua estrangeira.** 2012. 179 f. Dissertação Mestrado (Mestrado em Letras) - Programa de Pós- Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MAGALHÃES, T. G. e CRISTÓVÃO, V. L. L. **O. Sequências e projetos didáticos no pacto nacional pela alfabetização na idade certa: uma leitura.** Campinas SP: Pontes Editores, 2018.

NASCIMENTO, E.; GONÇALVES, V. A. **A perspectiva interacionista sociodiscursivo no trabalho educacional.** In: CRISTÓVÃO, L. V. (Org). **Gêneros (textuais/discursivos): ensino e educação (inicial e continuada) de professores de línguas.** Campinas: Mercado de Letras, 2018. p. 23-42.

PILLA, C. B. **Os contos, as lendas, as fábulas e os mitos como ferramenta para uma educação integral / Memorial- Christiana de Brenner Pilla, Alto Paraíso de Goiás-GO, 2013. 107 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade Aberta do Brasil, UAB / UnB.**

PINTO, R. **O Interacionismo sociodiscursivo, A Inserção social, A Construção da cidadania e a formação de crenças e valores no agir individual.** In: GUIMARÃES, M. M. A.; COUTINHO, A. M. R. A. (Org). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, A; SANTOS, E; DOURADO, D. **Literatura infantil: uma análise acerca da mediação tecnológica como suporte na contação de histórias.** In: RODRIGUES, L.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino.** In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de letras, 2004

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização por R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Curitiba: Editora Positivo, 2005.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3ª ed. rev. e ampl. - Belo Horizonte: Aletria, 2012

SOUZA, E. G. G. de; STUTZ, L. **O (re)conhecimento da sócio-histórica nas capacidades de significação: conceitos necessários para operacionalização de linguagem e didatização de gêneros.** *Trabalhos em linguística aplicada*. Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 1113–1133, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318135527815832019> . Epub 09 Dez 2019. ISSN 2175-764X. <https://doi.org/10.1590/010318135527815832019>. Acesso em: 9 set. 2022.

SOUZA, W. **Gênero narrativo: o gênero narrativo conta uma história e apresenta esses elementos: narrador ou narradora, personagem, enredo, tempo e espaço.** S/P. 2015 Disponível em: [Warley Matias de Souza – SITE OFICIAL](#) Acesso em 08 set. 2022.





# UPF

UNIVERSIDADE  
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José  
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900  
(54) 3316 7000 - [www.upf.br](http://www.upf.br)